

The background of the cover is a vibrant tile mosaic. It depicts a peacock with a brilliant blue neck and crest, perched on a branch. Its long tail feathers, adorned with numerous 'eyes' of blue and gold, trail behind it. The scene is surrounded by lush green foliage, including ferns and various flowers, such as yellow daisies and purple blossoms. The tiles are square and light-colored, creating a grid-like pattern over the artwork.

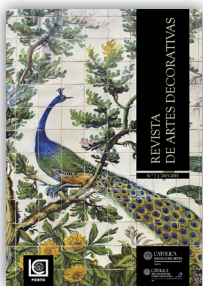
# REVISTA DE ARTES DECORATIVAS

N.º 7 | 2015-2019



PORTO





---

## REVISTA DE ARTES DECORATIVAS

---

N.º 7 – 2015-2019

---

### Director

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa

### Secretária

Maria Alexandra Gago da Câmara

### Conselho Redactorial

Alexandre Pais

Maria Antónia Pinto de Matos

Pedro de Moura Carvalho

---

### Conselho Científico

Ana Calvo

António Filipe Pimentel

Dom Carlos A. Moreira Azevedo

Carmen Heredia Moreno

Christopher Hartop

Joaquim Jaime Ferreira-Alves

Letizia Arbeteta Mira

Pedro Dias

Teresa Leonor Vale

William R. Sargent

### Revisores do n.º 7

Ana Cristina Sousa

Carmen Heredia Moreno

Isabel Mayer Godinho Mendonça

Lúcia Rosas

Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara

Paula Monteiro

Pedro Vasconcelos Cardoso

Nuno Resende Mendes

Rosa Martín Vaquero

Sílvia Ferreira

---

### Edição



CITAR – Escola das Artes  
Rua Diogo Botelho, n.º 1327  
4169-005 PORTO Portugal  
Telefone: (+351) 226 196 200  
Fax: (+351) 22 226 196 291

### ISSN

1646-8759

### Depósito legal

306753/10

### Capa

Painel de azulejos a simular um jardim com vegetação e aves,  
Quinta Nova da Assunção, Sintra.  
Fotografia de António Cota Fevereiro, 2018.

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

## 5 Editorial

*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

## Artigos

### 11 O papel decorativo da pintura a fresco dos séculos XV e XVI em Portugal

*Joaquim Inácio Caetano*

### 41 Objetos de culto, vestimentas e livros oferecidos por D. Manuel I a igrejas da Ordem de Cristo

*Joana Lencart*

### 81 Cultura material, trabalho e conflituosidade. Os artesãos têxteis (séculos XVI-XVIII)

*Isabel M. R. Mendes Drumond Braga*

### 119 Da Rua dos Ourives da Prata à Rua Bela da Rainha: as lojas dos ourives da prata em Lisboa na segunda metade do século XVIII

*Rita Carlos*

### 157 *Da boca para fora*: discursos sobre o decorativo no século XIX

*Marize Malta*

### 181 A Sala de Marmore no Palácio Nacional da Ajuda

*António Cota Fevereiro*

### 213 A coleção de têxteis em 106 anos de Museu de Aveiro

*Maria João Mota*

## Notícias

### 245 I – Dissertações

#### 245 A) Dissertações de Mestrado em Artes Decorativas

#### 252 B) Teses de Doutoramento

##### 252 B.1. Teses de Doutoramento em Arte – Especialidade de Artes Decorativas

##### 253 B.2. Teses de Doutoramento em Estudos do Património, abordando temáticas de Artes Decorativas

##### 254 B.3 Projectos de Tese de Doutoramento em Estudos do Património, abordando temáticas de Artes Decorativas

255 **II – Publicações**

255 **A) Colecção obras de Carlos da Silva Lopes**

256 **B) Colecção Uma iniciação a...**

256 **C) Obra em parceria entre o CITAR e a Livraria Civilização Editora**

256 **D) Colecção Artes Decorativas em Portugal**

257 **E) Revista de Artes Decorativas (n.ºs 1 a 6)**

263 **F) Matrizes da investigação em Artes Decorativas (I a V)**

267 **G) Subsídios para as Artes Decorativas nos Açores**

269 **H) Outras Publicações**

270 **I) Publicações do CIONP – Centro Interpretativo da Ourivesaria do Norte de Portugal**

273 **III. CONGRESSOS INTERNACIONAIS ORGANIZADOS  
PELO CITAR, NA ÁREA DAS ARTES DECORATIVAS E DO  
ORNAMENTO**

273 **A) I Congresso Ibero-Americano de História do Mobiliário (2016)**

274 **B) The Art of Ornament Senses, Archetypes, Shapes and Functions  
(2017)**

275 **C) II Congresso Ibero-Americano de História do Mobiliário (2018)**

278 **D) IV European Congress on Jewellery – Centres and Peripheries in  
European Jewellery from Antiquity to 21<sup>st</sup> Century (2018)**



# Editorial

Em cada editorial que escrevemos desta publicação periódica, mesmo que a sua edição se tenha deixado de fazer em papel, sentimos que se concretiza mais um esforço para a implementação da investigação universitária no campo das Artes Decorativas em Portugal. E temos em mente que estes domínios em que a revista se move constituem um oceano fértil de temáticas, sempre carente de mais e melhor elaborada investigação, que relacione a observação das peças com a pesquisa arquivística, que entrelace a realidade portuguesa com as influências internacionais e, no específico do projecto de investigação do CITAR, fortaleça a ponte, evidentemente necessária, entre as artes decorativas portuguesas e as brasileiras, processo que se prolongou, em algumas áreas, até ao século XX.

Nos últimos tempos, procurámos aliar a investigação com a organização de congressos científicos internacionais (II Congresso Ibero-americano de História do Mobiliário, em Setembro de 2018, e o IV Congress on European Jewellery, em Novembro de 2018), que permitam afirmar a centralidade de diversas temáticas das artes decorativas, designadamente o mobiliário e a joalheria. Outras continuam particularmente carentes de investigação, como os têxteis – nas suas múltiplas vertentes e períodos históricos –, tema tão vasto e em simultâneo tão ausente, em geral, de pesquisas nas suas várias subdivisões. Por isso nos pareceu particularmente relevante que este número da revista possua, directa ou indirectamente, artigos nesta área temática, uns de referência, leitura e análise de fontes de índole mais histórica, outro mais aplicado ao estudo da paramentaria.

Procurámos, ao longo da coordenação de mestrados e doutoramentos da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa – tanto de Artes Decorativas como de Estudos do Património –, que houvesse um maior número de trabalhos de investigação em Artes Decorativas, alguns passíveis de dar à estampa também entre as páginas desta publicação periódica. Alguns estudos doutorais chegaram a iniciar-se, mas nunca, infelizmente, terminaram, como sucedeu na área do traje (e acessórios), campo tão especialmente rico e fértil de fontes de diversa natureza, mas tão ausente de pesquisas mais aprofundadas, que entrelacem as materializações portuguesas e as matrizes internacionais que as influenciaram.

A ponte para o Brasil é um imperativo das investigações em Portugal na área das Artes Decorativas. Assim o indicam os estudos até hoje levados

a cabo e que tiveram a preocupação de cruzar informações de ambos os lados do Atlântico. Também o pudemos comprovar nas pesquisas que encetámos em diversas instituições museológicas, em igrejas, em casas particulares e em arquivos brasileiros. Por vezes, surgem elementos de uma riqueza surpreendente, tanto em termos materiais como das fontes manuscritas, um universo que urge explorar com uma capacidade de adaptação e de leitura das singularizações observadas.

Este número 7 da *Revista de Artes Decorativas* é iniciado com um estudo de Joaquim Caetano que aborda a relevância da pintura a fresco enquanto elemento decorativo de numerosas igrejas nos séculos XV e XVI, em Portugal. Recorrendo a exemplos tomados de diversos templos situados em várias regiões do país, o texto do autor permite-nos observar os elementos ornamentais utilizados, que vão de representações iconográficas cristãs até elementos heráldicos, de motivos fitomórficos até outros de cariz geometrizarante.

Segue-se um estudo assinado por Joana Lencart referente aos objectos ofertados pelo rei D. Manuel I às igrejas da Ordem de Cristo, que muito vieram a enriquecer os respectivos acervos. Estas peças vão desde têxteis, em que se destacam os veludos e os damascos, às alfaias em metais preciosos, valorizando a dignidade dos ofícios litúrgicos e reforçando a ligação do soberano a esta ordem. Entre os templos que foram alvo dessas distinções encontra-se, com natural primazia, o convento de Tomar, seguindo-se as igrejas de Soure. Ao todo, diversas centenas de exemplares foram ofertados pelo *Venturoso*, segundo a tabela publicada pela autora.

Isabel Drumond Braga oferece-nos um texto relativo a aspectos vivenciais de um grupo especialmente significativo nas urbes portuguesas entre as centúrias de Quinhentos e Setecentos, os artesãos têxteis, com especial relação com o vestuário e o uso doméstico. Partindo de fontes relacionadas com o Tribunal do Santo Ofício, a investigadora e professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa contribui com novos e significativos elementos para o conhecimento de certos ofícios, nomeadamente dos tecelões de sedas, veludos ou toalhas, respeitantes a várias localidades do país, com total hegemonia das regiões do interior.

Com o texto de Rita Carlos temos ocasião de compreender de um modo documentalmente preciso, a partir de uma diversidade de fontes, informações sobre lojas dos ourives da prata na Rua dos Ourives da Prata e na Rua Bela da Rainha, na segunda metade de Setecentos, com a menção a múltiplos elementos sobre quem nelas exercia o seu ofício. Esta especialista na ourivesaria da prata lisboeta do período em questão

traz informações muito interessantes sobre o interior de algumas oficinas, em termos do mobiliário e dos instrumentos nelas existentes, baseada em alguns inventários orfanológicos existentes.

Ficamos a dever a António Cota Fevereiro novos contributos para o conhecimento da *Sala de Mármore* do palácio da Ajuda, em Lisboa, com a análise do mobiliário e da iluminação escolhidos para esta divisão. O estudo deste autor ressalta a influência da natureza no interior das habitações, que esta renovação de D. Luís e de D. Maria Pia exalta com especial cuidado, e que poderá ter sido influenciada pela *Maison pompéienne* e pelo palacete da princesa Mathilde Bonaparte, ambos na capital francesa.

Já o artigo de Maria João Mota apresenta a evolução do acervo têxtil do Museu de Aveiro, nos 106 anos da existência desta instituição museológica. Com origem nos espólios das instituições religiosas nacionalizadas em 1834, este núcleo é de uma grande riqueza tipológica, material e de execução, sendo o respectivo percurso traçado pela sua conservadora, designadamente as exposições que algumas das peças integraram, bem como diversas acções de conservação nelas executadas ao longo deste período dos séculos XX e XXI, atravessando as diversas direcções do museu.

Finaliza os artigos deste nº 7 da *Revista de Artes Decorativas* a análise que Marize Malta, professora da Faculdade de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e importante impulsionadora dos estudos sobre Artes Decorativas no Brasil, estabelece sobre o que significou decorar no século XIX, neste país da América do Sul. Trata-se de uma reflexão em torno de diversas acepções deste conceito, tanto em dicionários e enciclopédias, como também no mundo das Letras, que tiveram uma importância real na interpretação da constituição e recheio dos interiores, na respectiva adaptação e enriquecimento, na centúria de Oitocentos, com um destaque dado à figura de Luís Gonzaga Duque.

A encerrar a revista, uma lista das publicações que, ao longo dos anos, o CITAR foi dando à estampa neste domínio, bem como das dissertações de mestrado e das teses de doutoramento defendidas, para além de eventos científicos organizados por este centro de investigação no âmbito das Artes Decorativas, designadamente do mobiliário e da ourivesaria.

Porto, 15 de Dezembro de 2018

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa  
Director







# Artigos





# A Sala de Marmore no Palácio Nacional da Ajuda

António Cota Fevereiro<sup>1</sup>

**Resumo:** Nos meados do século XIX o imperador Napoleão III e sua família enfatizaram o gosto pela época grega, romana e egípcia para solidificar o regime, prestando, assim, homenagem ao seu tio o imperador Napoleão Bonaparte, fundador desta dinastia. No entanto estas formas antigas foram reinterpretadas em novos conceitos, nomeadamente na arquitetura e no mobiliário, complementados habilmente por novos meios de iluminação. São estas influências notórias que vamos encontrar no desenho arquitetónico e na decoração da *Sala de Marmore* do Palácio Nacional da Ajuda, cuja originalidade faz deste espaço um exemplar único no género.

**Palavras-chave:** Grécia; Roma; Egípto; Ecletismo; Jardim de Inverno

**Abstract:** In mid-nineteenth century Emperor Napoleon III and his family emphasized the Grecian, Roman and Egyptian historical periods in order to strengthen its regime, thus paying tribute to their uncle Emperor Napoleon Bonaparte, founder of this dynasty. However, these ancient forms were namely reinterpreted in architecture and furniture using new concepts, skilfully complemented by new means of lighting. We have found these notorious influences in the architectural design and decoration of the *Sala de Marmore* (Marble Room) in National Palace of Ajuda, whose originality makes this space a unique specimen in the genre.

**Keywords:** Greece; Rome; Egypt; Eclecticism; Winter Garden

**Resumen:** A mediados del siglo XIX el emperador Napoleón III y su familia enfatizaron el gusto por la época griega, romana y egipcia para solidificar el régimen, prestando así homenaje a su tío el emperador Napoleón Bonaparte, fundador de esta dinastía. Sin embargo, estas formas antiguas fueron re interpretadas en nuevos conceptos, especialmente en la arquitectura y el mobiliario, complementados hábilmente por nuevos medios de iluminación. Son estas influencias notórias que vamos a encontrar en el diseño arquitectónico y en la decoración de la *Sala de Marmore* (Sala de Mármol) del Palacio Nacional

---

<sup>1</sup> Arquiteto, investigador no *ARTIS – Instituto de História da Arte*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde é doutorando em História da Arte e Museologia do Património com o tema: *A iluminação da Casa Real Portuguesa no período de 1800 a 1910*.

de la Ajuda, cuya originalidad hace de este espacio un ejemplar único en el género.

**Palabras clave:** Grecia; Roma; Egipto; Eclecticismo; Jardín de Invierno

## 1. Introdução

No dia 27 de Setembro de 1862 casou-se por procuração, em Turim, o rei D. Luís I de Portugal com a princesa italiana Maria Pia di Savoia. Ratificado na Igreja de São Domingos, em Lisboa, no dia 6 de Outubro do mesmo ano.

O casal real optou então por estabelecer a sua corte no Real Paço de Nossa Senhora da Ajuda na referida cidade. O edifício foi parcialmente alvo de obras de modernização espacial e decorativa de forma a corresponder a um novo modo vicencial, nomeadamente a *Sala de Marmore*, espaço central e divisório entre o *Gabinete de Carvalho*, a *Sala Azul* e os aposentos dos monarcas. O projeto esteve a cargo do arquiteto da Casa Real Joaquim Possidónio Narciso da Silva e segundo diretrizes da rainha D. Maria Pia. Nele está exemplificado o gosto pela Natureza, pelo exotismo e pelo ecletismo no mobiliário, na arquitetura e na decoração. Estas referências alicerçam e enfatizam novas relações espaciais e visuais eximamente exploradas pelo arquiteto. No geral há uma forte influência estrangeira, nomeadamente a francesa, e que foi inovadoramente explorada na referida *Sala de Marmore*. A originalidade deste espaço evidencia-se pelo uso de material pétreo deliberadamente aproveitado e escolhido de acordo com a função, a decoração e a relação que estabelece com os outros compartimentos<sup>2</sup>.

## 2. A Sala de Marmore no Palácio da Ajuda

O projeto do Real Paço de Nossa Senhora da Ajuda foi realizado em 1796 pelo Arquitecto das Obras Públicas Manuel Caetano de Sousa (1738-1802), ainda com resquícios da época barroca. Todavia foi suspenso após cinco anos de construção, tendo sido reformulado ao gosto neoclássico segundo projeto de Francisco Xavier Fabri (1761-1817) e de José da Costa e Silva (1747-1819), arquitetos formados em Itália. O edifício ficou inacabado e em 1862 foi escolhido para residência real pelo rei D. Luís I de Portugal

<sup>2</sup> Ao longo do presente texto usaram-se as seguintes siglas: PNA que se refere ao Palácio Nacional da Ajuda e PNP ao Palácio Nacional da Pena, que aparecem conjuntamente com documentação ou números de inventário de peças que fazem parte do acervo destas instituições.

(1838-1889) e sua consorte a rainha D. Maria Pia de Sabóia (1847-1911), após o seu casamento nesse ano e em detrimento do Palácio das Necessidades<sup>3</sup>.

Na fachada sul foi projetada uma *enfilade*<sup>4</sup>, recurso usado desde o Barroco, para aposentos. Estes têm vãos interiores para corredores e para antecâmaras que, por sua vez, comunicam com caixas de escadas e com espaços complementares<sup>5</sup>. Todavia em 1862 o palácio precisou de obras para se modernizar, de forma a responder a um novo modo de vida e à “...*criação de espaços mais pequenos, calorosos e íntimos; salas privadas voltadas para a vivência familiar e para o usufruto de cada um dos membros reais.*

*Para acompanhar a arquitectura, que nesta segunda metade do século XIX se quis ajustada à família, ao indivíduo – agora deslocado para o centro das atenções –, também o mobiliário foi redimensionado. A escala humanizada, foi proporcionada aos espaços recém surgidos, tendo-se conceptualmente, privilegiado o seu carácter funcional e utilitário.”*<sup>6</sup>

Todo este modo de habitar burguês teve como apoio as zonas de circulação para as várias dependências, como cozinhas, escadarias de serviço e outras necessárias ao serviço dos criados, de forma a responder pronta e eficazmente aos pedidos. Este pragmatismo está exemplificado no corredor que vai do torreão nascente/sul para o corredor da escadaria principal, que servia os aposentos do rei D. Luís e a *Sala Azul*. Todavia do lado oposto, onde eram os aposentos da rainha D. Maria Pia, havia uma quebra no corredor por um pátio. Este impedimento foi ultrapassado por uma construção em madeira e alçado envidraçado unindo dois vãos, criando assim um corredor similar ao anterior. O referido corredor da escadaria está no eixo do vestíbulo, com porta exterior para o Pátio de Honra. Originalmente dava para uma sala, com três vãos para a fachada Sul e que “...*tinha por adorno um tecto liso de forma abaulada, sem graça nem proporção, (...) as paredes estucadas e pintadas a côr verde terrosa, que o verdaxo dá, formando uma tinta feia e tristonha!*”<sup>7</sup> Este espaço nas

<sup>3</sup> GIL, Júlio – *Os mais Belos Palácios de Portugal*. Lisboa: Verbo, 1992, pp. 179-183.

<sup>4</sup> Um conjunto de salas com portas alinhadas no mesmo eixo, criando assim uma continuidade visual.

<sup>5</sup> CARVALHO, Ayres – *Os três arquitectos da Ajuda: do “rocaille” ao neoclássico*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1979, pp. 170-171.

<sup>6</sup> ANDRADE, Maria do Carmo Rebello de – Paul Sormani e o estilo Luís XV: Os móveis preferidos da rainha D. Maria Pia. *Revista de Artes Decorativas*, nº 3 (2009), p. 194.

<sup>7</sup> SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da – Decoração: Novas Salas no Real Paço da Ajuda. *Archivo da Architectura Civil: Jornal da Associação dos Architectos Portuguezes*. nº 3 (Janeiro 1866), p. 42.



obras de remodelação<sup>8</sup> foi dividido na *Sala de Marmore*, com dois vãos, e no *Gabinete de Carvalho*, com um, segundo projeto do arquiteto da Casa Real Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896), cujas obras foram mandadas executar por sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia de Saboia.

A *Sala de Marmore* passou a ser o espaço central e separador dos aposentos da rainha, para poente, e para nascente na seguinte sequência: o *Gabinete de Carvalho*, a *Sala Azul*, uma ante-câmara e os antigos aposentos do rei D. Luís<sup>9</sup>.

O projeto foi elaborado e deverá ter ficado terminado entre 1862 a 1865<sup>10</sup>, onde se utilizou a “...*agatha calcedonia*, (...). *Além d’isso é notavel a beleza das variadas manchas ondeadas de agatha, havendo as arborizadas, jaspeadas, espumosas e serpe-aquaticas, e o valor d’esta pedra, quasi tão rija como é o crystal de rocha e de tanta estimação, que foi escolhida pelo vice-rei do Egypto, como um objecto digno de ser offerecido ao rei de Portugal.*”<sup>11</sup> O arquiteto compreendeu o potencial dos efeitos ondulantes, contrastantes e de relevo desta pedra que é o travertino, com que forrou todas as paredes e a porta de dois batentes para o corredor da escadaria (Figs. 1 e 2). As ombreiras e as vergas dos vãos exteriores e interiores, um para o *Gabinete de Carvalho* e o segundo para a *Sala Rosa*, que é o espaço que dá início aos aposentos da rainha D. Maria Pia, também realizados com a mesma pedra. Todos os alizares e os socos são em mármore da Abelheira, cuja tonalidade castanha realça os efeitos sugestivos do travertino nas paredes<sup>12</sup>. O entablamento ao gosto dórico foi realizado

<sup>8</sup> Entre o referido corredor, que parte do torreão nascente/sul, e a sala que foi dividida há uma pequena arrecadação com porta para o corredor da escadaria principal. Na planta original esta tinha duas portas paralelas para o corredor e outra para a sala. Estas foram emparedadas e uma estava onde hoje é a parede norte do *Gabinete de Carvalho*.

<sup>9</sup> Entre esta sala e os aposentos do rei há duas ante-câmaras. A primeira comunica com a *Sala Azul*, o corredor, as instalações sanitárias já desaparecidas e a segunda era a Ante-Câmara do Quarto do Rei. Esta tem portas para a *Sala Azul* e para a já desaparecida *Sala Amarela*. Este espaço e a *Sala Escura ou do saltimbanco* tinham cada uma um vão para a fachada sul. A norte eram as instalações sanitárias e estes três espaços foram criados dentro de um com paredes em tabique, mas foram demolidos depois da implantação da República.

<sup>10</sup> SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da – *Descrição Artistica das novas Salas do Real Paço d’Ajuda*. Lisboa: Typographia Portuguesa, 1865. O arquiteto fez a memória descritiva do projeto e publicou-a em 1865, no ano a seguir publicou o mesmo texto em vários números no *Archivo da Architectura Civil: Jornal da Associação dos Architectos Portuguezes*, que foi a versão que optamos por seguir aqui. A pedra é na realidade travertino e agradecemos este contributo ao Professor Doutor Mário Cachão, do Departamento de Geologia, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

<sup>11</sup> SILVA, *Op. cit.*, nº 3 (Jan. 1866), p. 42.

<sup>12</sup> Originário da zona de Mafra.

com o referido mármore, em que as métopas são no mesmo travertino e com um ornato central fosco para contrastar com o brilho da pedra. O travertino também foi utilizado no teto horizontal em que a estereotomia em quadrados advém do entablamento, tendo sido realizado outro ornato fosco nas almofadas<sup>13</sup>. O desenho deste teto teve provavelmente como fonte de inspiração os congêneres das antigas casas romanas, como por exemplo os que eram em estuque e em madeira, como os que foram descobertos em Herculano e em Pompeia<sup>14</sup>. Infelizmente o arquiteto não revela nas suas memórias como conseguiu realizar este teto horizontal, que impressionou e assombrou todos os que o viram. Todavia deverá ter havido algum recurso construtivo para ter podido vencer as dimensões da sala, aliviando assim o peso da pedra que forma as molduras das almofadas.

O chão é feito de mármore portugueses, *formando mosaico*, com círculos em travertino que se aproveitou das sobras, criando assim um efeito de xadrez. Na parede para o corredor da escadaria principal há uma porta falsa com dois batentes, forrados de travertino e alizar em mármore, que fecha “... e abre por meio de um pedal, que escondido por baixo do mosaico em certo sitio no chão a abre, e as molas e spiral a empurram para se poder sair.”<sup>15</sup> Nesta porta temos a potencialidade que as novas tecnologias tiveram em facilitar o quotidiano, aliviando assim o peso dos materiais para movimentar os batentes.

No centro da sala “...há um repuxo tendo uma bacia sobre pedestal, com um grupo de delfins deitando a agua, e é arrematado por dois genios feitos de marmore de Carrara. O murmurio constante da quéda das aguas no tanque, o polido das paredes fazendo avivar as suas caprichosas ondulações e as manchas da agatha, o feitio engenhoso do tecto reflectindo pelo seu próprio brilho o luzido das paredes, tudo faz lembrar d’essas salas orientaes, em que o clima abrasador requer refrigerio. A idéia do maravilhoso, que tanto captiva a imaginação dos seus habitantes, existe na difficil construcção da sala. Tudo ali convida a gosar a doçura da vida que se alcança pela opulência, e nada falta que suavise a existencia e deleite a vida.

Completam os adornos d’esta mesma sala canapés de bambú dourados, um lustre e candelabros dourados. Em um dos ângulos vê-se um arrendado caramanchão dourado, tendo a forma de um quarto de circulo, convidando

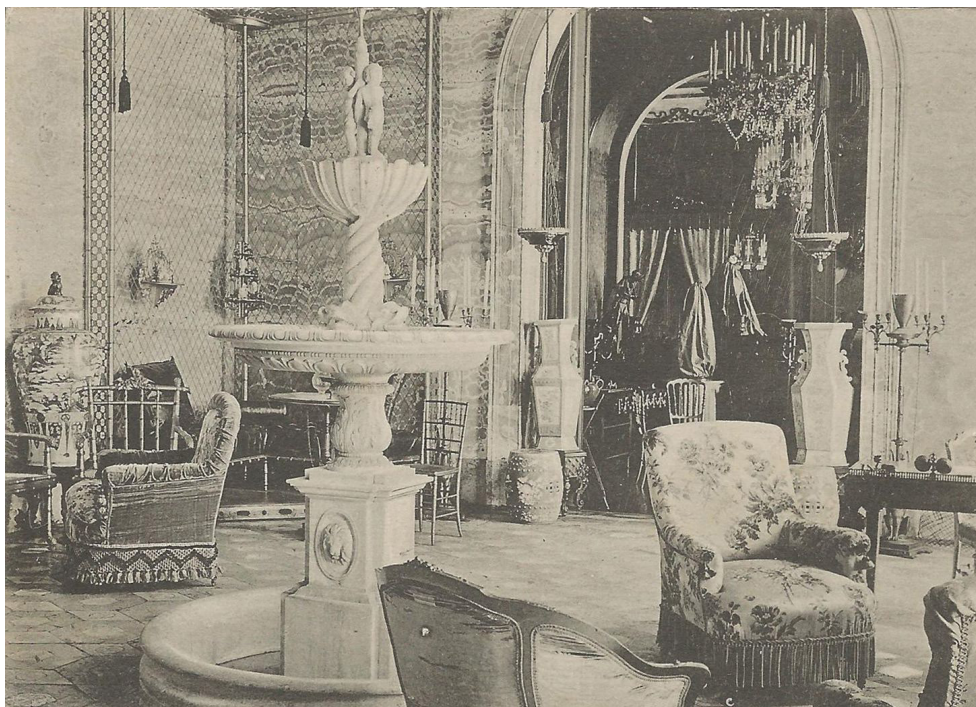
<sup>13</sup> SILVA, *Op. cit.*, n.º 3 (Janeiro 1866), p. 42.

<sup>14</sup> Veja-se por exemplo as peças em madeira sobreviventes da *Casa Telephus* em Herculano.

<sup>15</sup> SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da. “Decoração: Novas Salas no Real Paço da Ajuda”. *Archivo da Architectura Civil: Jornal da Associação dos Architectos Portuguezes*. n.º 4 (Abril 1866), p. 52.

*a repousar sobre sof3s para disfructar o conjuncto de tantos attractivos; a riqueza da vistosa sala, o aroma das flores, a linda vista do Tejo sobre o qual se cruzam navios de todas as na33es, limitando este quadro encantador as collinas da outra-banda, que este rio afamado separa da cidade de Lisboa.”*

<sup>16</sup> (Fig. 1) O branco do m3rmore do repuxo ao gosto cl3ssico destaca este elemento no esp3o, avivando assim a sua presen3a central e contrastante.



**Fig. 1** – *Sala de Marmore no Real Palacio d'Ajuda*, final do s3culo XIX ou in3cio do s3culo XX. Uma das cadeiras de bra3os e o caramanch3o a simular bambu s3o vis3veis do lado esquerdo. Nas portas de correr pendem dois vasos para plantas similares ao da *V3randa* da Princesa Mathilde Bonaparte. Os candelabros com velas e os vasos para os candeieiros, sem os reservat3rios amov3veis, ladeiam as portas de correr para o *Gabinete de Carvalho*. Ao fundo a *Sala Azul* atrav3s da janela interior. Postal N3 1024 da *Edi33o Costa*, Lisboa. Colec33o do autor.

As pe3as de mobili3rio a que o arquiteto se refere s3o dois sof3s (PNA, inv. 907 e 908), duas cadeiras com bra3os com assentos forrados a palhinha (PNA, inv. 909 e 910)<sup>17</sup>, um *demi-borne* estofado (PNA, inv. 2001)<sup>18</sup> e um

<sup>16</sup> SILVA, *Op. cit.*, n3 4 (Abril 1866), p. 52.

<sup>17</sup> Os sof3s e as cadeiras foram reunidos num conjunto, onde tamb3m constou seis cadeiras, uma diferente das restantes, em madeira dourada a simular bambu. PAL3CIO NACIONAL DA AJUDA (PNA), Invent3rio Judicial do Pal3cio da Ajuda, 1911-1913, fl. 180-180v.

<sup>18</sup> Tem uma floreira no topo, onde hoje est3 a est3tua *Arrufo de Namorados* do escultor italiano Cesare Lapini (1848-1890) e datada de 1888 (PNA, inv. 1993). PNA, *Op. cit.*, 1911-1913, fl. 182.



biombo de quatro folhas (PNA, inv. 902)<sup>19</sup>. Todas estas peças foram feitas a partir de madeira a imitar bambu mas, nos cachacos foram esculpidos arranjos de paus cortados, folhas e bagas. No biombo há nas molduras inferiores de um lado representações florais em *grisaille*, com uma certa influência das *chinoiseries*, e do outro, rectângulos em cadeia. O mesmo recurso ao bambu foi seguido nas grades dos vãos exteriores, com treliças, vasos em zinco para flores e uma trama em arame<sup>20</sup>. Os bambus e o arame também fizeram parte de um caramanchão, hoje desaparecido, que tinha um estrado em madeira e no topo ornatos estilizados. Na trama estavam penduradas três *étagères* com estatuetas em porcelana, duas iguais e uma a simular bambu<sup>21</sup>. Neste conjunto, é evidente a influência oriental na sua concepção e decoração, complementado pelos quatro candelabros e pelas duas mesas ao gosto greco-romano e egípcio em bronze dourado.

Os quatro candelabros (PNA, inv. 917, 918, 919 e 920)<sup>22</sup> referidos pelo arquiteto foram estrategicamente colocados da seguinte forma: a ladear o *demi-borne*, que está entre os dois vãos exteriores, e o vão interior com duas portas de correr<sup>23</sup> para o *Gabinete de Carvalho*. Cada candelabro tem uma base quadrada onde uma esfinge alada, com cabeça de gato, está sentada ao gosto egípcio e decorada com motivos gregos. Do seu corpo parte uma coluna e da boca correntes, as quais se prendem nos braços laterais para as velas, tendo cada braço capacidade para três daquelas. Ao centro tem um prato onde se coloca um candeeiro do tipo *Carcel*<sup>24</sup>, com base redonda em pedra mármore branca e reservatório amovível. O corpo principal é um vaso com pegas laterais elevadas, com cenas de lutas entre guerreiros nas duas faces, inspirado nas formas dos vasos gregos *amphora* e *hydria*<sup>25</sup>. Estes candeeiros têm semelhanças com os que fizeram parte do *Atrium*, da *Serre* e do *Musée antique* ou *Pinacothèque da Maison pompéienne*, como

<sup>19</sup> Na altura do Inventário Judicial o biombo estava na *Arrecadação do Thezouro*. PNA, *Op. cit.*, 1911-1913, fl. 3322.

<sup>20</sup> *Ibidem*, 1911-1913, fl. 182.

<sup>21</sup> *Ibidem*, 1911-1913, fl. 178-178v.

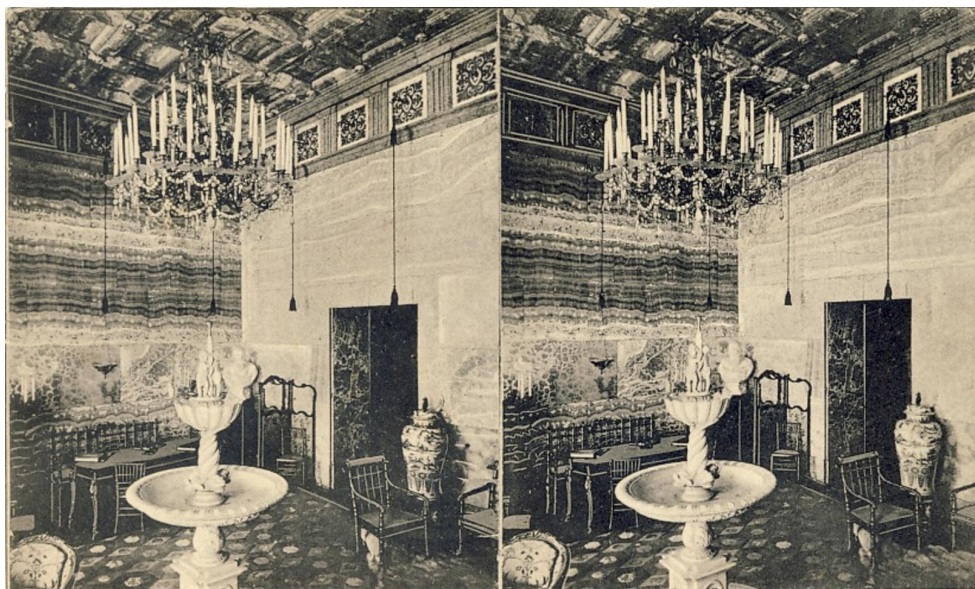
<sup>22</sup> *Ibidem*, 1911-1913, fl. 181 a 181v.

<sup>23</sup> Este tipo de portas foi aperfeiçoado nos finais do século XVIII nos Estados Unidos da América, permitindo assim a transformação de dois espaços num só, reduzindo assim a área que a porta de batente tem ao ser movimentada em arco no interior do aposento. RAMOS, Rui Jorge Garcia – *A Casa – Arquitectura e Projecto Doméstico Na Primeira Metade Do Século XX Português*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2010, pp. 78-79.

<sup>24</sup> Os candeeiros foram eletrificados no decorrer do século XX, o que levou à remoção do mecanismo interior, onde eventualmente haveria marcas sobre o seu fabricante.

<sup>25</sup> MARTIN, Henry – *L'art grec et l'art romain: le style pompéien*. Paris: Librairie d'Art R. Ducher, 1927, pp. 31-34.

mais à frente iremos abordar (Figs. 1 e 9). É um conjunto harmonioso, imponente e de grande qualidade na sua fundição. Intensificam ainda mais o exotismo e este recurso no respeitante à altura foi de encontro à ambiência do tempo clássico, realçando o enquadramento do mobiliário e da arquitetura. Fazem conjunto com duas mesas (PNA, inv. 906 e 4634)<sup>26</sup>, cada uma com a mesma esfinge na base, correntes e tampo em mármore<sup>27</sup>. Para acentuar ainda mais o gosto clássico há ganchos, em metal dourado nas métopas, de onde pendem vasos para plantas e cordões de seda vermelha<sup>28</sup>. Ao centro do teto está suspenso um lustre (Fig. 2) em metal dourado, para quarenta velas e com pingentes em vidro ao gosto setecentista europeu (PNA, inv. 2424)<sup>29</sup>. Os vasos e o lustre têm semelhanças com os que fizeram parte da decoração de *La Véranda* no palacete da Princesa Mathilde Bonaparte, como iremos descrever.



**Fig. 2** – Postal Estereoscópico da *Sala de Marmore*, final do século XIX ou início do século XX, em que podemos observar o efeito ondulante do travertino na parede. Na fotografia há o repuxo e o mobiliário a simular canas de bambu. *Arquivo Panorâmico e Artístico Portugal* – 72 – Registado. Coleção do autor.

<sup>26</sup> Uma das mesas estava neste espaço e a segunda na *Arrecadação do Thezouro* na altura do Inventário Judicial. PNA, *Op. cit.*, 1911-1913, fl. 181 e 3103.

<sup>27</sup> Estes exemplares não ostentam marcas, no entanto encontramos semelhanças com o trabalho desenvolvido pela parisiense *Maison Lerolle Frères*.

<sup>28</sup> PNA, *Op. cit.*, 1911-1913, fl. 185v. Aparentemente também serviam para pendurar gaiolas. *Ibidem*, 1911-1913, fl. 186.

<sup>29</sup> *Ibidem*, 1911-1913, fl. 188.

A nível de funções a *Sala de Marmore* responde eficazmente a pelo menos duas: a primeira é inegavelmente a função de circulação entre os aposentos da rainha D. Maria Pia e os espaços de estar. Ao entrarmos pelo corredor somos intuitivamente direccionados para as portas de correr do *Gabinete de Carvalho*, devido ao seu desenho arquitetónico, escala no espaço e sentindo que há uma continuação. Esta noção é aguçada pela janela interior para a *Sala Azul* e pelo contraste de cores na decoração. A porta para os aposentos da monarca como que passa despercebida, devido à sua escala e desenho sóbrio. Outra particularidade relevante é a de que de noite as portas de correr eram iluminadas lateralmente pelos candelabros, atraindo assim a atenção; a segunda é o seu encerramento pela porta com dois batentes do corredor, cujo desenho simula a continuação da parede, e só assim passa a ser um espaço de estar. Efetivamente no período em que a Família Real habitou este palácio foram realizadas várias festas, como por exemplo, as de aniversário, onde se montava uma mesa em redor do repuxo<sup>30</sup>.

A *Sala de Marmore* exemplifica a predileção que a Família Real tinha em estar próxima da Natureza<sup>31</sup>, pois o jardim do palácio fica do outro lado do arruamento e tinha de se atravessar um passadiço, que entretanto foi demolido no século XX, na extremidade do edifício. Esta tendência também foi seguida pela aristocracia e pela burguesia portuguesa através das flores em voga, das canas e das treliças usadas nesta época. Ficaram imortalizadas na obra de azulejaria do pintor lisboeta Luís António Ferreira (1806-1873)<sup>32</sup>, como por exemplo no jardim da Quinta Nova da Assunção em Belas (Figs. 3 e 4).

Mencionámos o *Gabinete de Carvalho* ao longo do texto e tinha como função principal ser uma sala de fumo para o rei D. Luís. Aqui optou-se por um ambiente masculino e sóbrio. Intensificado pelo mobiliário em carvalho da América do Norte, pelas armas de fogo, pelas paredes revestidas a seda verde, pelas telas com representações de navios de guerra e pelo

<sup>30</sup> BURNAY, Maria João Botelho Moniz e PORTUGAL, Ana Mafalda de Castro – A Família Real na Ajuda no séc. XIX e o Gosto pela Natureza. In <http://www.palacioajuda.gov.pt/pt-PT/estudos/artigosemlinha/ContentDetail.aspx?id=476> (2018.07.08; 11h)

<sup>31</sup> BURNAY, Maria João Botelho Moniz e PORTUGAL, Ana Mafalda de Castro – O gosto da família real pela natureza e o reanimar do Jardim Botânico da Ajuda. In RAMALHO, Maria de Magalhães, coord. – *Património Estudos*. Lisboa: IPPAR, Instituto Português do Património Arquitectónico, n.º 9 (2006), pp. 123-134.

<sup>32</sup> FEVEREIRO, António Francisco Arruda de Melo Cota – A Arte Nova em Lisboa. In VALE, Teresa Leonor Magalhães do; COUTINHO, Maria João Pereira, coord. – *Cadernos do Arquivo Municipal*. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa / Câmara Municipal de Lisboa, 2ª Série, n.º 7 (2017), p. 230.

teto ao feitio do *XV século*<sup>33</sup>. O recheio original é composto por mobiliário ao gosto renascentista e por um par de candelabros ao gosto eclético, gótico e renascentista<sup>34</sup>, em zinco com candeeiros do tipo *modérateur*, braços laterais para nove velas cada um e correntes (PNA, inv. 3738 e 3739)<sup>35</sup>. Os candelabros ladeavam a janela interior para a *Sala Azul*, que tem as mesmas proporções arquitetónicas que o vão das portas de correr, iluminando assim a superfície envidraçada e criando uma eficaz relação visual entre os espaços. A *Sala Azul* era a de estar e de receber da Família Real<sup>36</sup>, onde foi encostado outro *demi-borne* ao referido vão, e foi projetada ao gosto greco-romano. Esta solução de janela interior era a mesma que existia entre a *Serre* e o *Grand Salon* da *Maison pompéienne*.



**Fig. 3** – Quinta Nova da Assunção, parede preenchida com azulejo, entre o tanque e a escadaria nascente, a simular um jardim com vegetação e aves. Fotografia do autor, 2018. Agradecemos o apoio da Câmara Municipal de Sintra, proprietária da quinta, na realização desta fotografia.

<sup>33</sup> Nas molduras foram esculpidas em obra de talha as popas e prôas dos navios de guerra, em que o rei D. Luís embarcou como comandante, os que foram lançados ao mar no seu reinado e aqueles em que se dignou pregar a cavilha mestra.

<sup>34</sup> Na Exposição Universal de Londres em 1862 a *Hart & Son's*, sediada em Wych Street na mesma cidade, levou um candelabro ao gosto gótico com um candeeiro *modérateur*. VIRTUE, James S. – *The Art Journal Illustrated Catalogue of the International Exhibition 1862*. Londres: James S. Virtue, 1862, p. 27.

<sup>35</sup> Atualmente estão na *Biblioteca* do andar nobre. PNA, *Op. cit.*, 1911-1913, fl. 165 e 814 a 814v. O mobiliário da *Sala de Marmore* e do *Gabinete de Carvalho* ficaram para a rainha D. Maria Pia nas partilhas feitas, em 1899, depois da morte do rei D. Luís. Os candelabros da *Sala de Marmore* foram avaliados em 180.000 réis e os do *Gabinete de Carvalho* conjuntamente com a mobília em 650.000 réis Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Casa Real, Caixa 5918.

<sup>36</sup> SILVA, *Op. cit.*, nº 4 (Abril 1866), pp. 52-53.





**Fig. 4** – Quinta Nova da Assunção, pormenor das treliças de canas com flores na parede da escadaria nascente. Fotografia do autor, 2018. Agradecemos o apoio da Câmara Municipal de Sintra, proprietária da quinta, na realização desta fotografia.

O projeto da *Sala de Marmore* é um testemunho intemporal do seu tempo, mas é sobretudo a original interpretação de vários conceitos e usos então em voga. Estas influências têm como origem França, país determinante e influente nas artes decorativas, nomeadamente a interpretação e a propagação do gosto inspirado na época grega, na romana, e na egípcia<sup>37</sup>.

<sup>37</sup> CARON, Claude; VAN WEYENBERGH, Claire – *Le style Napoléon III: histoire... caractéristiques... usages*. Verviers: Gerard, 1968, pp. 18-21. STACKELBERG, Katharine T. von; MACAULAY-LEWIS, Elizabeth – *Housing the New Romans: Architectural Reception and Classical Style in the Modern World*. Oxford: Oxford University Press, 2017. Por exemplo o mobiliário nesta corrente estilística e duas estatuetas egípcias que pertenceram à rainha



Esta propensão foi deliberadamente intensificada por Charles-Louis Napoléon Bonaparte (1808-1873)<sup>38</sup>, então Presidente da República de França, a partir de 1852 e em que se tornou, após referendo nacional, no Imperador Napoléon III. O então regime precisava de se fortalecer e de se impor. Uma das muitas formas foi este gosto pela Antiguidade Clássica, que também foi interpretado no denominado *Estilo Império* da época do seu tio o primeiro Imperador de França Napoléon Bonaparte (1769-1821), fundador desta dinastia e cuja descendência não sobreviveu. Além destas referências estilísticas é forçoso mencionar-se as novas abordagens espaciais, o uso de materiais e de técnicas construtivas inovadoras, o uso e o enquadramento original do candeeiro no mobiliário e na arquitetura, a presença da Natureza no interior da habitação e o conforto. Estas tendências foram fortalecidas esteticamente e amplamente empregues nas habitações dos primos do Imperador Napoléon III, designadamente na *Maison pompéienne* do Príncipe Napoléon Joseph Charles Paul Bonaparte (1822-1891) e no palacete na rue de Courcelles n.º 24 de sua irmã a Princesa Mathilde Laetitia Wilhelmine Bonaparte (1820-1904)<sup>39</sup>, ambas na cidade de Paris e que se tornaram em modelos considerados de *bon goût*. Conforme irá ser abordado em seguida, e de forma a compreendermos estas apropriações na conceção da *Sala de Marmore* do Palácio da Ajuda.

### 3. O gosto greco-romano/egípcio e o uso do candeeiro na decoração interior

Nos meados do século XIX o gosto pelas formas inspiradas na Natureza<sup>40</sup>, na época do Rococó, na da renascença, na barroca, na gótica e na oriental foram fonte de inspiração para a criação arquitetónica e decorativa<sup>41</sup>.

---

D. Carlota Joaquina de Portugal. MARQUES, Eduardo Alves – Leilão Carlota Joaquina. In *Museus, Palácios e Mercados de Arte*. Lisboa: Scribe, 2014, pp. 38-45.

<sup>38</sup> Filho de Louis Napoléon Bonaparte (1778-1846) (filho de Carlo Maria Buonaparte e de Maria Letizia Ramolino) e de Hortense Eugénie Cécile de Beauharnais (1783-1837) (filha de Alexandre François Marie, vicomte de Beauharnais, e de Marie Joséphe Rose Tascher la Pagerie, mais conhecida por Joséphine de Beauharnais e que depois de viúva se casou com o Imperador de França Napoléon Bonaparte I).

<sup>39</sup> Filhos de Jérôme-Napoléon Bonaparte (1784-1860) (filho de Carlo Maria Buonaparte e de Maria Letizia Ramolino, rei da Vestefália de 1807 a 1813) e da Princesa Friederike Katharina Sophie Dorothea von Württemberg (1783-1835) (filha de Friedrich Wilhelm Karl, rei de Württemberg e de Augusta Caroline Friederika Luise, Princesa de Brunswick-Wolfenbüttel).

<sup>40</sup> RILEY, Noël – *Grammaire des arts decoratifs: de la Renaissance au Postmodernisme*. Paris: Flammarion, 2004, p. 223. VIRTUE, *Op. cit.*, p. 56.

<sup>41</sup> VIRTUE, *Op. cit.*

Na oriental houve uma inclinação pela cultura árabe, pela chinesa e pela japonesa, após a abertura do Japão ao Ocidente<sup>42</sup>. Este gosto pelas culturas asiáticas foi seguido, por exemplo, na criação de mobiliário de assento, em que a madeira simula a forma de bambu, através dos seus nós, das linhas direitas e do exotismo, aliando a comodidade ao conforto<sup>43</sup>. Esta tendência também foi seguida na criação de salas, nomeadamente *Le musée chinois* da Imperatriz Eugénia de Montijo (1826-1920), casada com o Imperador Napoléon III, no *Château de Fontainebleau*<sup>44</sup> e a *Sala Chinesa* no Palácio da Ajuda<sup>45</sup>. Efetivamente estas influências estiveram representadas na Exposição Universal de 1862, na cidade de Londres, onde também foi explorado o gosto pela época grega e romana, em peças decorativas e utilitárias tais como: serviços para servir e decorativos em prata ou metal prateado<sup>46</sup>; joalheria<sup>47</sup>; mobiliário<sup>48</sup>; fogões de sala<sup>49</sup>; peças fundidas em ferro para guardas e decorativas<sup>50</sup>; escultura<sup>51</sup>; serviços de

<sup>42</sup> BANHAM, Joanna; MACDONALD, Sally; PORTER, Julia – *Victorian interior design*. Nova York: Crescent Books, 1991, p. 49.

<sup>43</sup> JERVIS, Simon – *Victorian and Edwardian Decorative Art: the Handley-Read Collection*. Londres: Hillington Press, 1972, pp. 65-77. CARON e VAN WEYENBERGH, *Op. cit.*, pp. 20-21. ANDRADE, Maria do Carmo Rebello de – O Mobiliário da Época de Napoleão III nas Coleções do Palácio Nacional da Ajuda. In <http://www.palacioajuda.gov.pt/pt-PT/estudos/artigosemlinha/ContentDetail.aspx?id=478> (2018.07.06; 14h), p. 19.

<sup>44</sup> BANHAM, MACDONALD, PORTER, *Op. cit.*, p. 49.

<sup>45</sup> A grande maioria das peças que integram este espaço é, na realidade, japonesa. Foram uma oferta do Taikun do Japão em 1864 ao rei D. Luís. ANDRADE, *Op. cit.* (2018.07.06; 14h), p. 14. Nesta época era comum designarem-se as peças japonesas como chinesas, embora soubessem diferenciar as proveniências.

<sup>46</sup> A *Elkington* de Birmingham com um serviço de sobremesa, um espelho e um candelabro. VIRTUE, *Op. cit.*, p. 240.

<sup>47</sup> A *Richard Green* com loja no *Strand*. VIRTUE, *Op. cit.*, p. 268. *Parker & Stone* de Clerkenwell, Londres. IDEM, *ibidem*, p. 303. Veja-se também o cofre oferecido pela cidade de Roma à rainha D. Maria Pia por causa do seu casamento, da autoria do ourives Fortunato Pio Castellani (1794-1865), cuja maestria e arte na interpretação das peças antigas romanas é de grande qualidade técnica e estilística. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e; CORREIA, Cristina Neiva. Os Animais na Ourivesaria e na Cerâmica In BRAGA, Isabel Drumond e BRAGA, Paulo Drumond, coordenação – *Animais e companhia na História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015, p. 555.

<sup>48</sup> De Paris a *Mazaroz-Ribaillier et Cie* e a *Jeanselme Fils Et Godin* com dois armários envidraçados. VIRTUE, *Op. cit.*, pp. 242 e 254. De Londres a *Howard and Sons* uma secretária. Idem, *ibidem*, p. 278. A *Pecquereau, père et fils*, um armário ao gosto pompeiano. IDEM, *ibidem*, p. 281.

<sup>49</sup> A londrina *Magnus*, de Pimlico, um fogão ao gosto etrusco. VIRTUE, *Op. cit.*, p. 225. A parisiense *Marchand* levou um fogão de sala em mármore e bronze. IDEM, *ibidem*, pp. 313-324.

<sup>50</sup> A parisiense *Barbezat* (anteriormente André) e fornecedora do Imperador Napoléon III. VIRTUE, *Op. cit.*, p. 18.

<sup>51</sup> VIRTUE, *Op. cit.*, pp. 313-324.

mesa em vidro e pe7as decorativas<sup>52</sup>; pavimentos<sup>53</sup> e pe7as em cer3mica de mesa e decorativa<sup>54</sup>. Entre as v3rias manufaturas esteve presente a *S3vres*<sup>55</sup>, cujas formas foram copiadas por outros, e a *Wedgwood*<sup>56</sup>. A fama das suas pastas em cer3mica levou a que fosse imitada pela francesa *Creil & Montereau*, como por exemplo o *black basalt* (Fig. 5). Al3m das artes decorativas a arquitetura tamb3m aderiu a este gosto na Europa e nos Estados Unidos da Am3rica<sup>57</sup>.



**Fig. 5** – Leiteira em *black basalt* da manufatura francesa *Creil & Montereau*; s3culo XIX, 1800 a 1860; 11,2x10,5x9 cm; cole73o e fotografia do autor.

<sup>52</sup> As brit3nicas *Pellatt & Co.* e a *Dobson and Pearce* com servi7os de mesa. VIRTUE, *Op. cit.*, pp. 14-15. A *Alderman Spiers* de Oxford pe7as decorativas e utilit3rias. IDEM, *ibidem*, p. 202. A *Storey and Son* exp3s servi7os de mesa em vidro e porcelana. IDEM, *ibidem*, p. 203.

<sup>53</sup> As brit3nicas *Minton, Hollins & Co.* e a *Maw & Co.* VIRTUE, *Op. cit.*, pp. 40 e 41-42.

<sup>54</sup> A *K3nigliche Porzellan-Manufaktur (KPM)* de Berlim com figuras em vulto perfeito e decorativas. VIRTUE, *Op. cit.*, p. 102. A manufatura de *Meissen* com vasos. IDEM, *ibidem*, p. 87. A *Battam & Son* com pe7as decorativas inspiradas na de *S3vres*. IDEM, *ibidem*, p. 30. A brit3nica *James Duke and Nephews* com vasos ao gosto etrusco. IDEM, *ibidem*, p. 86. A Real Manufatura de Copenhaga com pe7as decorativas. IDEM, *ibidem*, p. 152. A Real Manufatura de Viena. IDEM, *ibidem*, p. 232. A *Copeland* (antes *Spode*) levou pe7as decorativas inspiradas na de *S3vres*. IDEM, *ibidem*, pp. 5, 29 e 169. A *Minton* seguiu o mesmo exemplo. IDEM, *ibidem*, p. 170.

<sup>55</sup> Participou com pe7as decorativas tendo como suporte formas cl3ssicas. VIRTUE, *Op. cit.*, p. 248.

<sup>56</sup> A manufatura exp3s pe7as decorativas. VIRTUE, *Op. cit.*, pp. 6 e 210.

<sup>57</sup> CROOK, J. Mordaunt. *The Greek Revival: Neo-Classical Attitudes in British Architecture 1760-1870*. Londres: John Murray, 1996.

Esta tendência estilística foi vantajosamente aproveitada pelas várias manufaturas de candeeiros, especialmente as que fabricaram os do tipo *Carcel*<sup>58</sup> e *modérateur*<sup>59</sup>. A cidade de Paris foi o principal centro produtor deste tipo de peças para iluminação e as principais manufaturas foram: *Carcel*, na Rue de l'Arbre-Sec nº 14; *Gagneau*, na Rue Lafayette nº 115; *Garnier* (Alexandre Victor), Rue des Fossés Saint Germain l'Auxerrois nº 43; *Gotten*, na Rue Trousse-Vache nº 4 e 6; *Hadrot*, na Rue Fossés-Montmartre nº 14; *Joseph Schlossmacher*, Rue Béranger nº 19, um dos mais conceituados fabricantes de candeeiros, com loja em Paris e Londres; *Levavasasseur Frères*, Rue de Montmorency nº 18, e *Noël Bosselut*, Quai Valmi nº 9, empregava bronzes e peças em cerâmica de grande qualidade nos candeeiros que comercializou<sup>60</sup>, entre muitas outras. Na cidade de Berlim também foram produzidos candeeiros do tipo *modérateur* sobretudo pela *Wild & Wessel*

<sup>58</sup> No final do século XVIII deram-se os primeiros passos no desenvolvimento das lâmpadas para óleo vegetal, nomeadamente a primeira criada em 1780 pelo químico francês Joseph Louis Proust (1754-1826). No ano de 1783 o químico e físico suíço François Pierre Ami Argand (1750-1803) melhorou a lâmpada de Proust, tendo ficado conhecida como *lâmpada Argand*. Nesse mesmo ano Argand reata a amizade com o farmacêutico francês Antoine-Aroult Quinquet (1745-1803). Este último estuda o conceito das duas lâmpadas anteriores e cria outra, adicionando uma chaminé em 1784 e ficando conhecida como *lâmpada Quinquet*. O uso da chaminé foi fundamental para o controle da entrada de ar, aumentando e estabilizando a chama. ALLEMAGNE, Henry-René d' – *Histoire du Luminaire depuis l'époque romaine jusqu'au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Alphonse Picard, 1891, pp. 364-376. MARTINS, R. “Da Luz do Sol à Luz Electrica”. *Ilustração Portuguesa*, 2<sup>a</sup> Série, Nº 45 (31 de Dezembro de 1906), pp. 709-712. No ano de 1800 o relojoeiro francês Bernard Guillaume Carcel (1750-1818) criou um novo tipo de candeeiro, patenteado em França, que ficou conhecido pelo seu apelido. Na base fica o mecanismo que bombeia o óleo e é accionado por uma chave, tal como nos relógios. Parte do mecanismo fica submergida pelo óleo e tem um filtro para bombear o combustível. No topo deste há um tubo vertical que comunica com a torcida e o queimador. A chaminé tem o mesmo formato que as das lâmpadas anteriores. Todavia este tipo de candeeiro tinha um elevado custo de produção e era acessível a um grupo restrito de consumidores. ALLEMAGNE, *Op. cit.*, pp. 503-504.

<sup>59</sup> Este tipo de candeeiros foi inventado pelo engenheiro e mecânico francês Charles-Louis-Felix Franchot (1809-1881), patenteado a 10 de Agosto de 1836. Neste tipo de queimador a chave regula o pistão, a mola helicoidal no cilindro do reservatório e o êmbolo de couro em baixo, criando vácuo e permitindo que o óleo ascenda verticalmente pelo tubo interior com a agulha. Desta forma a torcida fica constantemente humedecida, permitindo assim uma chama estável. O queimador tem semelhanças notórias com os do tipo *Carcel* mas, a construção do sistema de bombagem do óleo é menos complexa. Devido a todos estes factores o *modérateur* tornou-se mais acessível, sem contudo se ter tornado popular. A limpeza constante, manutenção de todos os componentes, o preço dos óleos vegetais e as reparações feitas por especialistas, entre outros fatores, foram influentes. ALLEMAGNE, *Op. cit.*, p. 516.

<sup>60</sup> MOLÉON, Jean G. de e NORMAND, Louis Sébastien Le. *Musée des produits de l'industrie Française: ou Description des Expositions faites a Paris depuis leur origine jusqu'à celle de 1819 inclusivement, Renfermant les nom est les addresses de tous les exposans tant nationaux qu'étrangers* Volume 2. Paris: Bureau Central de la Soc. Polytechnique, 1840, pp. 20-33. MAHOT, Bernard. *Les lampes à huile*. Issy-les-Moulineaux: Éditions Charles Massin, 2005,

e *Stobwasser*<sup>61</sup>. O combustível era o óleo de colza disponível nos países da Europa Central, enquanto no Sul foi utilizado o azeite.

A forma dos candeeiros do tipo *Carcel* e *modérateur*, devido à construção interna dos seus reservatórios, foi vantajosamente explorada em inúmeras soluções e usos na primeira metade do século XIX. Estes exemplares substituíram ou integraram suportes para velas, proporcionando assim uma maior luminosidade. Para esse fim foram desenhados novos tipos de bases, de candelabros, de apliques de parede e de lustres. Também adornaram mobiliário, como por exemplo mesas, cómodas, credências e armários, consoante o gosto pessoal e a finalidade. Outra solução foi o seu uso em espelhos, em telas, em fogões de sala, em vãos e em alçados, só com um exemplar ou com o respetivo par. Foram igualmente usados nas mesas e nos aparadores das salas de jantar.

De uma forma geral foi recorrentemente utilizada a forma cilíndrica, para camuflar os reservatórios, cujo exterior foi estilizado ao gosto vegetalista, historicista<sup>62</sup>, religioso e arquitetónico, onde se conjugaram, entre outras soluções, figuras humanas, zoomórficas e motivos padronizados. A forma de jarra também foi utilizada, em que se empregaram peças especificamente realizadas para esse fim ou adaptadas, em variadas pastas de cerâmica ou em metal, com ou sem pegadas laterais (Fig. 6). Outra solução foi a conjugação das duas soluções atrás descritas com reservatórios amovíveis<sup>63</sup>, facilitando assim o seu transporte para o abastecimento e manutenção<sup>64</sup>. O candeeiro adquire assim várias finalidades decorativas que eram: ser visto de vários ângulos sobre uma mesa; ser exposto, com o par correspondente, numa determinada peça de mobiliário, virando a face conforme o gosto e ter a sua imagem refletida num espelho, para assim ver a face oposta, só ou com o par correspondente.

---

pp. 152-233. FEVEREIRO, António Cota – *Iluminação da Casa Real Portuguesa. Os Candeeiros do Palácio Nacional da Ajuda*. Oeiras: Mazu Press, 2018, pp. 17-23.

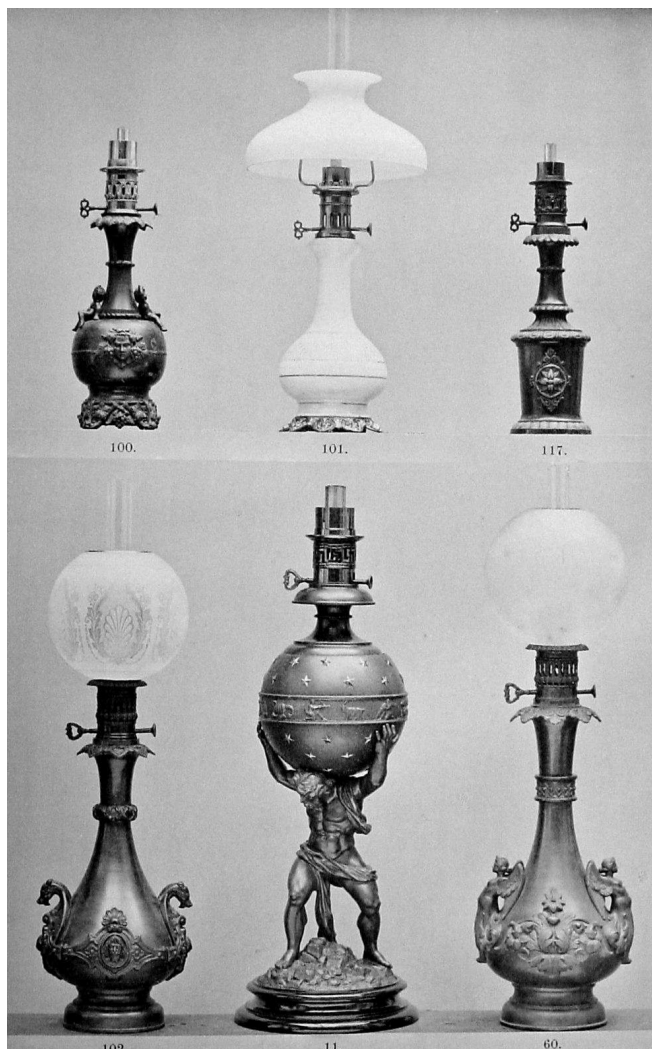
<sup>61</sup> Estas manufacturas nos meados do século XIX passaram a dedicar-se ao aperfeiçoamento de queimadores e de candeeiros para petróleo, em detrimento dos candeeiros para óleo vegetal. WILD, Heinrich Otto Emil e WESSEL, Friedrich Wilhelm. *Wild & Wessel Fünfzig Jahre in der Lampen Industrie Ein Rückblick*. Berlim, 1894, pp. 6-9.

<sup>62</sup> No palácio da Ajuda foi descrito um candeeiro para azeite, com cavaleiros armados e lanças num combate ao gosto dos séculos XV e XVI, que ainda não foi identificado. PNA, *Op. cit.*, 1911-1913, fl. 813v.

<sup>63</sup> No Palácio Nacional da Ajuda há vários candeeiros deste género, com fundo azul-escuro, reservas nas duas faces com arranjos florais policromos, estilizações em dourado e pegadas moldadas ao gosto vegetalista, produzidas neste período. FEVEREIRO, *Op. cit.*, p. 39.

<sup>64</sup> A limpeza, a manutenção, o abastecimento e o polimento dos candeeiros era feito em espaços próprios devido à nocividade dos produtos, onde estava então todo o material dispensável para esses fins. Geralmente estavam próximos às zonas da cozinha ou centralizados em redor dos aposentos, para facilitar o seu transporte.





**Fig. 6** – Candeeiros *modérateur* da manufatura Wild & Wessel de Berlim produzidos de 1856 a 1870. Da esquerda para a direita em cima: modelo número 100., em zinco, 101., em porcelana e bronze, e 117., em zinco. Da esquerda para a direita em baixo: modelo número 102., 11. e 60., todos em zinco WILD, Heinrich Otto Emil e WESSEL, Friedrich Wilhelm. *Wild & Wessel Fünfzig Jahre in der Lampen Industrie Ein Rückblick*. Berlim, 1894, Tafel 9.

As formas inspiradas nas culturas gregas e romanas foram interpretadas segundo várias soluções neste período, como a de um candeeiro do tipo *Carcel* em bronze da *Joseph Schlossmacher*<sup>65</sup>. A forma adapta-se e camufla o

<sup>65</sup> O sistema interno de relógio é da parisiense *Maison Renauld Legrand Aîné*, que forneceu também outras manufaturas. Por exemplo os dos quatro candeeiros do lustre (PNP, inv. 1150)

reservatório interior, que se alonga verticalmente para a base do queimador, assegurando deste modo uma elegância de linhas e realçando o queimador como ponto de luz. A fonte de inspiração parece ter sido nos vasos gregos denominados por *lekythos*<sup>66</sup>, embora com uma abordagem totalmente nova (Fig. 7). Estas peças metálicas eram produzidas em moldes e eram compatíveis entre si, assegurando assim uma infinidade de modelos. Um exemplar deste tipo de *assemblage* é um candeeiro do tipo *modérateur* da *Garnier*. A base simula troncos de bambu em metal dourado e onde assenta uma cabaça de porcelana oriental, propositadamente serrada nas extremidades para este fim. Esta termina noutras peças e na galeria, que envolve o queimador, ao gosto grego-romano. Para acentuar ainda mais o gosto eclético deste candeeiro a chave lateral, que regula o sistema interno, é inspirado na cultura egípcia (Fig. 8). Esta apetência por novas opções extrapolou em conceções mais complexas no uso destes materiais<sup>67</sup>, como as de um extraordinário par de candeeiros que fizeram parte da decoração eclética da *Sala de Fumo*<sup>68</sup> do rei D. Fernando II no Palácio Nacional da Pena em Sintra. Estiveram sobre a mesa (PNP, inv. 1497) conjuntamente com peças para fumo e decorativas. São da manufatura *Noël Bosselut*, do tipo *modérateur*, com base em mármore, montagens em bronze dourado e porcelana ao gosto greco-romano (PNA, inv. 3344 e 42037)<sup>69</sup>. A leveza com

---

da *Sala de Bilhar* no Palácio Nacional da Pena cujos sistemas de relógio são destes afamados relojoeiros. Era prática corrente os diversos relojoeiros fornecerem com mecanismos as várias manufaturas de candeeiros que fabricavam os do tipo *Carcel*.

<sup>66</sup> ROBERTSON, Martin – *The Art of Vase-Painting in Classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 178. WOODFORD, Susan – *An Introduction To Greek Art*. Londres: Duckworth, 1986.

<sup>67</sup> WILD e WESSEL, *Op. cit.*, Tafel 8-18.

<sup>68</sup> Este espaço também foi referido como *Sala da Musica* na documentação consultada por nós ao tempo do rei D. Fernando. No tempo do rei D. Carlos denominava-se por *Sala de Espera*. Após a musealização no século XX passou a denominar-se por *Sala Indiana*, por causa do seu desenho arquitetónico, o que levou à dispersão nefasta do seu mobiliário original e substituído por outro ao gosto indiano, não pertencente à Casa Real. Presentemente encontra-se em fase de restauro e persistentemente tem-se vindo a identificar o mobiliário original pela equipa do Palácio Nacional da Pena. Palácio Ducal de Vila Viçosa (PDVV), fl. 32 a 33.

<sup>69</sup> O interesse pelo nosso trabalho, primeiro do género em Portugal sobre este tema, levou a que fôssemos contratados pela *Parques de Sintra – Monte da Lua*, por intermédio do director do Palácio Nacional da Pena, o Arq. António Nunes Pereira, para estudar a coleção de candeeiros do referido Palácio-Museu, onde conseguimos identificar pela primeira vez os exemplares que pertenceram a D. Fernando II, além dos que foram transferidos para a Pena do Palácio Nacional da Ajuda em 1949. O objetivo que nos foi exigido foi o de repôr adequadamente este tipo de coleção nas peças de mobiliário e enquadramento, de acordo com a tipologia e com as peças em vidro corretas. O intuito é a de que o Palácio da Pena tenha este tipo de peças devidamente colocadas, de forma a dignificar as reconstituições dos ambientes oitocentistas. Todo este trabalho é inédito e no futuro irá ser publicado num contexto mais amplo. Os exemplares foram transferidos no século XX

que as montagens em bronze envolvem o corpo principal em porcelana, apesar de estarem todas aparafusadas a este, revela inovação no domínio construtivo.



**Fig. 7** – Candeeiro do tipo *Carcel* da manufatura parisiense *Joseph Schlossmacher* ao gosto clássico. O sistema de relógio interno é da parisiense *Maison Renault Legrand Aîné*; século XIX, 1860 a 1880; 48x190 cm, sem quebra-luz nem chaminé; bronze, latão, metal prateado, membrana de origem animal, metal ferroso e folha-de-flandres; colecção e fotografia do autor.

---

para o Palácio Nacional da Ajuda, segue-se a documentação levantada durante a investigação: PDVV, Inventário do Real Palacio da Pena Março de 1874, fl. 32v. ANTT, Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa, Cível, 6ª vara – 4ª secção, Inventários Orfanológicos, Inventário orfanológico de D. Fernando II, fl. 2492. PALÁCIO NACIONAL DA PENA (PNP 678), Inventário dos Moveis e mais objectos existentes nas Reaes Propriedades da Pena 1897, fl. 101. PNP 678, Inventário dos Moveis e mais objectos existentes nas Reaes Propriedades da Pena: Novo Inventário em 1907, p. 127. ANTT, Ministério da Fazenda, Inventário do Mobiliario existente no Palacio da Pena em Cintra em Novembro de 1910, Caixa 7808, fl. 11, 24 a 25 e 37. PNP 382, Inventário dos moveis existentes no Palacio Nacional da Pena em Cintra, 14 de Julho de 1919, fl. 59. PNP 1408, Cadastro, 1938, fl. 19v. ANTT, Ministério da Fazenda, Inventário dos moveis existentes no Palacio Nacional da Pena, 21 de Outubro de 1938 a 31 de Março de 1939, Caixa 7808, fl. 22 e 25. ANTT, Ministério da Fazenda, Inventário dos moveis existentes no Palacio Nacional da Pena, 2 de Janeiro de 1941, Caixa 7808., fl. 40.



**Fig. 8** – Candeeiro do tipo *modérateur* da manufatura parisiense *Garnier* com jarra de porcelana oriental em forma de cabaça; século XIX, 1866; 50,5x17Ø cm, sem quebra-luz nem chaminé; porcelana, bronze, latão, couro e folha-de-flandres; coleção e fotografia do autor.

No mesmo período as peças metálicas em altura para pousar lamparinas de azeite romanas<sup>70</sup> foram a fonte de inspiração para peças similares, mas para candeeiros e que podiam ter, ou não, braços laterais para velas. Esta solução em altura foi denominada por candelabro e foi fabricada por várias manufaturas francesas e alemãs<sup>71</sup>. No Museu do Vaticano<sup>72</sup>, em Roma, há várias peças deste género e parecem terem sido fonte de inspiração na representação de um candelabro representado no quadro intitulado *Le Coucher de Sapho*, datado de 1867, do pintor suíço Charles

<sup>70</sup> CAMPBELL, Gordon, coord. – *The Grove encyclopedia of classical art and architecture*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007, vol. 1, pp. 634-636.

<sup>71</sup> Na documentação consultada por nós eram assim designadas estas peças em Portugal. Em francês temos visto serem referidas como *Candélabres antiques porte-lampes*. Em alemão *candelaber* e em inglês *candelabrum*. WILD e WESSEL, *Op. cit.*, Tafel 31.

<sup>72</sup> Na visita que fizemos a este Museu, em Maio de 2016, verificamos uma grande quantidade de peças para iluminação em bronze, as quais certamente foram interpretadas no período que estamos aqui a tratar.

Gleyre (1806-1874)<sup>73</sup>. Este por sua vez tem semelhanças flagrantes com um par de candelabros em bronze com correntes oitocentistas (PNA, inv. 2789 e 2790)<sup>74</sup> existentes no Palácio Nacional da Ajuda.

Todas estas possibilidades revelam o potencial que este novo tipo de luz tem em evidenciar e realçar o espaço, tornando-o assim mais luminoso e contrastante. Nos candeeiros conjugaram-se variados tipos de metais, de cerâmica<sup>75</sup> e de vidro, criando assim uma infinidade de modelos e de preços. A nível de metais foram amplamente usados o latão, o bronze e o zinco<sup>76</sup>, sendo este último mais acessível em comparação com os anteriores (Fig. 6).

O uso dos candeeiros foi bastante vantajoso e o serão passou a ser vivido de forma mais intensa, onde se conversava, se lia, se jogava ou se bordava<sup>77</sup>, entre outras atividades.

A influência francesa foi preponderante por toda a Europa, nomeadamente pela já mencionada Princesa Mathilde Bonaparte, cujo palacete na rue de Courcelles era exemplo paradigmático deste período<sup>78</sup>. O pintor Sébastien-Charles Giraud (1819-1892) transpôs para a tela um ângulo do *Salon* no referido palacete, onde estão praticamente acesos todos os candeeiros e as velas apagadas. O que esta pintura nos transmite é a possibilidade de concentração de luz num só suporte, em detrimento de

<sup>73</sup> A referida tela a óleo pertence ao *Musée cantonal des Beaux-Arts de Lausanne*, Inv. 1332.

<sup>74</sup> Não sabemos ainda para que espaço foram inicialmente destinadas estas peças e durante o Inventário Judicial não tinham os candeeiros correspondentes, os quais parece terem sido vendidos em leilão segundo a investigação encetada por nós. Os que se encontram colocados são de qualidade corrente e não encaixam convenientemente. PNA, *Op. cit.*, 1911-1913, fl. 821. FEVEREIRO, *Op. cit.*, pp. 44-45.

<sup>75</sup> Como por exemplo a porcelana e a faiança de várias proveniências, nomeadamente as fabricadas pelas francesas *Sèvres*, *Gillet & Brianchon*, *Bayeux* e pelo ceramista Theodore Deck, entre outras. As britânicas *Minton*, *Moore Brothers*, *Royal Worcester*, *Wedgwood*, *Royal Doulton*, *Coalport*, *Taylor Tunnicliff & Co.* e *Masons*, só para inumerar as principais, também fabricaram candeeiros em variadas pastas cerâmicas. Na Alemanha a manufatura *Meissen*, a *Königliche Porzellan-Manufaktur* (KPM) de Berlim, a *Carl Thieme*, em Potschappele, a *Sitzendorf* e a *Rauenstein*, estas duas últimas na região da Turingia, destacam-se entre as demais em porcelana e seguiram a mesma tendência. FEVEREIRO, *Op. cit.*, pp. 54-55.

<sup>76</sup> WILD e WESSEL, *Op. cit.*, p. 6.

<sup>77</sup> O escritor José Maria Eça de Queirós, no seu romance *Os Maias: Episódios da Vida Romântica*, descreve-nos vários interiores com candeeiros, nomeadamente: no *boudoir* azul de Maria Monforte onde fazia *crochet*; numa mesa na sala de Santa Olávia para ler volumes ilustrados e na Biblioteca, da mesma habitação, rodeado por livros em cima de uma mesa. QUEIRÓS, José Maria de Eça de – *Os Maias: Episódios da Vida Romântica*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1888, vol. 1, pp. 53-54, 90-91 e 101.

<sup>78</sup> O edifício foi demolido no decorrer do século XX. A tela a óleo mencionada intitula-se *Salon de la princesse Mathilde* e pertence às coleções do *Palais Impérial de Compiègne*, Inv. C 51-030. BEAUGÉ, Bénédicte – *A la table d'Eugénie. Le service de la Bouche dans les palais impériaux*. Paris: Réunion des musées nationaux, 2009, pp. 36-61.



v3rias velas, contribuindo assim para um ambiente acolhedor e com boa incid4ncia de luz em diferentes alturas, atrav4s de pelo menos dois *Vase Balustre torch4re*<sup>79</sup>.

Esta tend4ncia em altura, enquadramentos e diferentes suportes para candeeiros foi igualmente seguida pela fam4lia Imperial Russa nos interiores dos seus pal3cios, vis4veis na obra que Eduard Petrovich Hau (1807-1887), pintor b3ltico de origem alem3, fez na primeira metade do s4culo XIX<sup>80</sup>. A burguesia emergente tamb4m seguiu o exemplo, como na resid4ncia do banqueiro russo Bar3o Alexander von Stieglitz (1814-1884) em S3o Petersburgo, cujos interiores<sup>81</sup> foram desenhados pelo pintor italiano Luigi Osipovich Premazzi (1814-1891) de 1869 a 1871. O trabalho destes dois artistas, entre outros, 4 crucial para entendermos a decora4o interior da primeira metade e meados do s4culo XIX, onde os candeeiros apareceram nas solu4es atr3s descritas ao longo deste trabalho.

#### 4. O gosto pela natureza no interior da habita4o

No princ4pio do terceiro quartel do s4culo XIX houve um gosto pelas formas inspiradas na Natureza, ent3o difundidas nas Exposi4es Universais, nomeadamente na primeira que foi realizada, em Londres e que constituiu uma novidade “...so rampant in nearly all classes in 1851.”<sup>82</sup> Nela o marceneiro *George Morant & Son*, decorador e fornecedor da rainha Victoria (1819-1901), exp3s uma mesa com cisnes e tabuas em vulto-perfeito na base<sup>83</sup>.

Na de 1862, tamb4m em Londres, a fundi4o *William Roberts* divulgou mobili3rio em ferro moldado a simular ramos, conchas, flores e animais<sup>84</sup>. Esta predile4o por formas naturalistas, conjugadas com outras da 4poca do rococ3, tamb4m foram empregues na cria4o de mobili3rio em porcelana pela manufatura de *Meissen*. Os artigos cativaram a aten4o do rei Lu3s II

<sup>79</sup> CORREIA, Cristina Neiva – Quelques petits souvenirs de S4vres. Elementos para o estudo do acervo cer3mico do Pal3cio Nacional da Ajuda. *Revista de Artes Decorativas*. Porto: Universidade Cat3lica Portuguesa, CITAR Centro de Investiga4o Acad4mico da Escola das Artes, n.º 2 (2008), p. 105.

<sup>80</sup> STEWARD, James Christen; ANDROSOV, Sergei – *The collections of the Romanovs: European art from the State Hermitage Museum, St. Petersburg*. Londres: Merrel, 2003, p. 33.

<sup>81</sup> BOLTON, Ray – *Views of Russia & Russian works on paper*. Londres: Sphinx Fine Art, 2010, p. 274.

<sup>82</sup> “... t3o desenfreado em 1851 em quase todas as categorias.” VIRTUE, *Op. cit.*, p. 111.

<sup>83</sup> RILEY, *Op. cit.*, p. 223.

<sup>84</sup> VIRTUE, *Op. cit.*, p. 56.

da Baviera<sup>85</sup> (1845-1886) e da rainha D. Maria Pia de Portugal<sup>86</sup>. Nestes simularam-se em vulto-perfeito aves e flores, intemporalmente cristalizadas no tempo devido à elevada qualidade na modelagem e na pintura<sup>87</sup>. Além do mobiliário, a manufatura fez jarras com decoração relevada de flores, com pássaros também em vulto-perfeito aplicados assimetricamente, denominada por *Schneeball-Dekor*<sup>88</sup>.

Os motivos florais foram igualmente desenvolvidos nos tecidos para decoração e para vestuário<sup>89</sup>, alguns ao gosto neo-rococó<sup>90</sup>, e nos papéis de parede, onde também se conjugou a simulação de rendas<sup>91</sup>. Esta abordagem foi de igual modo seguida na pintura interior decorativa. Como por exemplo no *Chalet* da Condessa d'Edla num quarto revestido a simular rendas, no Parque da Pena, e na Quinta Nova da Assunção, já referida, onde se conjugaram ambos, todos no concelho de Sintra<sup>92</sup>.

A nível da arquitetura assistiu-se à criação e à decoração de jardins interiores, onde aliaram o exotismo e novas técnicas de construção, as quais possibilitaram entradas de luz e enquadramentos então explorados inovadoramente. Todas estas apropriações tiveram como base a arquitetura do ferro e a utilização do vidro<sup>93</sup>, desmaterializando o espaço, além de acondicionar espécimes botânicos e mobiliário ao abrigo da intempérie.

<sup>85</sup> RILEY, *Op. cit.*, p. 232. PAYNE, Christopher – *19th european furniture*. Suffolk: Antique Collector's Club, 1989, p. 244.

<sup>86</sup> A denominada *Sala Rosa* no Palácio da Ajuda foi remodelada segundo projecto do arquiteto da Casa Real Joaquim Possidónio Narciso da Silva e pela monarca, no período de 1862 a 1865, decorada com mobiliário e peças decorativas da referida manufatura. SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da. "Decoração: Novas Salas no Real Paço da Ajuda". *Archivo da Architectura Civil: Jornal da Associação dos Architectos Portuguezes*, nº 8 (Mar. 1867), pp. 124-125.

<sup>87</sup> CORREIA, Cristina Neiva – À vol d'oiseau. In GODINHO, Isabel Silveira coordenação – *Um Olhar sobre o Palácio: Bela Silva: Escultura Cerâmica*. Lisboa: Ministério da Cultura, Instituto dos Museus e da Conservação, 2007, pp. 38-42.

<sup>88</sup> Literalmente, significa decoração bolas de neve. Este recurso decorativo também foi aplicado em serviços para bebidas quentes e noutras peças decorativas. No Palácio da Ajuda estavam dois pares deste tipo de jarras na *Antiga Sala do Bilhar*. CORREIA, *Op. cit.*, 2007, pp. 45-46. PNA, *Op. cit.*, 1911-1913, fl. 2774v.

<sup>89</sup> BOUCHER, François – *Histoire du costume en Occident*. Paris: Flammarion, 2008, pp. 357-372.

<sup>90</sup> RILEY, *Op. cit.*, pp. 245-247.

<sup>91</sup> BANHAM, Joanna; MACDONALD, Sally; PORTER, Julia – *Victorian interior design*. Nova York: Crescent Books, 1991, p. 30.

<sup>92</sup> STOOP, Anne de – *Quintas e Palácios nos arredores de Lisboa*. Barcelos: Civilização Editores, 1986, pp. 321-322. BASTOS, Celina e FRANCO, Anísio. Para memória futura: interiores autênticos em Portugal In MALTA, Marize; MENDONÇA, Isabel, dir. – *Casas Senhoriais Rio-Lisboa e seus interiores*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; Lisboa: Instituto de História da Arte da FCSH da Universidade Nova de Lisboa e Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, 2014, pp. 85-87.

<sup>93</sup> PILE, John – *A history of interior design*. London: Laurence King Publishing, 2005, pp. 241-245.

No já referido palacete da Princesa Mathilde Bonaparte *La Véranda* é exemplificativa desta nova abordagem e foi pintada em 1864 por Sébastien-Charles Giraud<sup>94</sup>. Nesta podemos observar que as superfícies verticais em vidro apresentam uma estereotomia de quadrados, com outros de tamanho inferior simulando uma moldura, ao gosto oriental. A cobertura também de vidro e ferro tinha aparentemente três águas<sup>95</sup>, revestidas interiormente por um tecido às riscas em tons creme. Do centro pendia um lustre para velas, ao gosto setecentista europeu, com pingentes e outras peças em vidro. Ao longo das ditas superfícies envidraçadas estavam os canteiros, com plantas exóticas e dispostas assimetricamente. O mobiliário era composto por uma peanha com um vaso, uma *vitrine* dourada, uma mesa ao gosto barroco com uma escultura pousada, uma cadeira *Louis XV*, uma mesa ao gosto árabe e duas jarras em porcelana do género oriental assentes em mísulas, que ladeavam o vão interior de entrada. Neste vão, ao centro, pendia um vaso suspenso por correntes em metal dourado com uma planta. O gosto eclético foi eximamente conjugado neste interior, cujas proporções arquitetónicas o deveriam tornar bastante confortável e aprazível.

No mesmo palacete havia outro espaço com uma forte presença da Natureza, mas num registo totalmente diferente. Trata-se de uma *Serre*<sup>96</sup> interior ao gosto greco-romano, de planta rectangular e inspirada nos *impluviums* das villas romanas, mas sem a função de recolha de águas pluviais. Esta entrada foi substituída por uma cobertura envidraçada zenital de quatro águas, cuja incidência de luz poderia ser regulada por uma tela, conforme foi pintado em 1854 pelo referido pintor<sup>97</sup>. Ao centro pendia um lustre para velas, com candeeiro ao centro e *abat-jour* branco, em metal dourado. As paredes tinham vãos interiores, intercalados por colunas caneladas com capitéis jónicos e tudo era pintado em branco. Entre as colunas pendiam candeeiros com globos de correntes, iluminando e realçando a arquitetura. No chão estavam os canteiros, aparentemente com o bordo em canas entrelaçadas, onde estavam plantadas flores, arbustos e trepadeiras também colocadas assimetricamente, que subiam

<sup>94</sup> O quadro tem o título: *La Véranda de la princesse Mathilde dans l'hôtel de la rue de Courcelles*. Óleo sobre madeira e pertence às coleções do *Musée des Arts Décoratifs, Palais du Louvre*, Inv. 36323.

<sup>95</sup> Pelo que é dado a observar nesta pintura.

<sup>96</sup> Estufa em português.

<sup>97</sup> A tela a óleo mencionada tem o título *Salle à manger de S.A.I. Madame la Princesse Mathilde* e pertence às coleções do *Palais Impérial de Compiègne*, Inv. C 51-031. BEAUGÉ, *Op. cit.*, pp. 58-59.

pelas colunas e paredes. Aqui o registo floral tem aparentemente um ar mais europeu, coadunando-se harmoniosamente com a arquitetura e a decoração do espaço. Efetivamente o recurso a treliças de canas e noutros materiais, para suporte de plantas trepadeiras, com ou sem flores, foi recorrentemente utilizada no interior e exterior dos jardins.

Na cidade de Paris foram construídas outras habitações com recurso a este género de espaços, nomeadamente na *Maison pompéienne*.

## 5. La Maison pompéienne

A *Maison pompéienne* foi construída na Avenue Montaigne nº 16 a 18 em Paris, segundo projeto do arquiteto francês Alfred-Nicolas Normand<sup>98</sup> (1822-1909) para o referido Príncipe Napoléon Bonaparte, irmão da Princesa Mathilde Bonaparte, e casado com a Princesa Ludovica Teresa Maria Clotilde di Savoia (1843-1911)<sup>99</sup>, irmã da futura rainha de Portugal D. Maria Pia.

O edifício foi inaugurado no dia 14 de Fevereiro de 1860 com uma festa onde compareceram “... *plus deux cents personnes. L'Empereur et l'Impératrice honoraient de leur présence cette soirée charmante et originale. Le palais, qu'on appelle la Maison de Diomède, est vraiment merveilleux aux flambeaux, ...*”<sup>100</sup>. Na festa também compareceu a Princesa Mathilde e teve início com o prólogo *La Femme de Diomède*, da autoria do poeta francês Pierre Jules Théophile Gautier (1811-1872), propositadamente realizado para esta ocasião. Seguiu-se a comédia *Le Joueur de Flûte* do dramaturgo francês Guillaume Victor Émile Augier (1820-1889), interpretada pela *Comédie-Française*. A festa terminou por volta das três horas da manhã com um baile no *grand salon*<sup>101</sup>.

O projeto foi inspirado na “... *“Villa of Diomedes” at Pompei. (...) The interior deserves inspection, but it can hardly be called a specimen of ancient*

<sup>98</sup> GAUTIER, Théophile; HOUSSAYE, Arsène; COLIGNY, Charles – *Le palais pompéien de l'avenue Montaigne: études sur la maison gréco-romaine, ancienne résidence du prince Napoléon*. Paris: Au Palais Pompéien et à la Librairie Internationale, 1866, p. 29.

<sup>99</sup> Filha de Vittorio Emanuele II, rei de Itália e de Adelheid Franziska Marie Rainera Elisabeth Clotilde, Arquiduquesa da Áustria.

<sup>100</sup> “... mais de duzentas pessoas. O Imperador e a Imperatriz honraram com a sua presença este serão encantador e original. O palácio, a que chamam a Casa de Diomede, é verdadeiramente maravilhoso com as tochas, ...” FERRÉ – Fête donnée à l'Empereur et à l'Impératrice par Son Altesse Impériale le Prince Napoléon. *L'illustration: journal universel*, nº 887 (25 Fev. 1860), p. 115.

<sup>101</sup> FERRÉ, *Op. cit.*, pp. 115-116.

*Roman domestic architecture, as the plan of villas differed considerably from that of ordinary dwelling-houses.*<sup>102</sup>

O r3s-do-ch3o 3 baseado nos antigos romanos, onde em torno do *Atrium* h3 os diferentes espa3os dom3sticos, mas interpretado num modo de vida contempor3neo e confort3vel. A planta desenvolve-se em forma rectangular com o vest3bulo principal no eixo central. Neste eixo estava o segundo vest3bulo (espa3o crucial entre o privado e o p3blico na habita33o, de onde se comunicava para uma sala de visitas, para uma escadaria, para uma escadaria de servi3o, para um arquivo e para dois gabinetes), o *Atrium* ou *1.er Salon* (como vem indicado na planta), o *Grand Salon* e a *Serre* ou *Jardin d'hiver*. Neste caso o *Atrium* e o *Grand Salon* funcionavam como os dois espa3os centrais, comunicando entre si por tr3s portas, cuja largura e desenho podia transform3-os num s3. Do lado direito do edif3cio havia numa sequ3ncia a *Salle 3 manger*, uma escadaria, um *Cabinet de toilette*, um *Chambre 3 coucher* e um *Boudoir*<sup>103</sup>, estes tr3s 3ltimos espa3os seriam provavelmente os aposentos da Princesa Clotilde de Sab3ia. Do lado esquerdo noutra sequ3ncia era a *Biblioth3que*, um *Cabinet de toilette*, uma escadaria interna, um *Chambre 3 coucher* e um *Cabinet de travail*<sup>104</sup>, estes espa3os pela sua nomenclatura talvez seriam os aposentos do Pr3ncipe Napol3on Bonaparte. O *Cabinet de travail* comunicava com uma constru33o anexa 3 principal, onde estava o *Mus3e antique* ou *Pinacoth3que*<sup>105</sup> e no mesmo eixo a *Piscine*<sup>106</sup>.

Este conceito de espa3o central com divis3es em seu redor, denominado em ingl3s por *central living hall*, extrapolou em in3meras solu33es no decorrer do s3culo XIX e in3cio do XX, nomeadamente no trabalho de projetistas norte-americanos e europeus<sup>107</sup>.

<sup>102</sup> "... *"Villa de Diomedes" em Pompei. (...) O interior merece aten33o, mas dificilmente poder3 ser considerado um exemplar da arquitetura dom3stica romana antiga, j3 que as plantas das villas diferem consideravelmente das plantas das habita33es comuns.*" BAEDEKER, Karl – *Paris and its environs, with routes from London to Paris, and from Paris to the Rhine and Switzerland: handbook for travellers, by K. Baedeker, with 11 maps and 18 plans*. Leipzig: Karl Baedeker, 1878, p. 159.

<sup>103</sup> Sala de jantar, *toilette*, quarto de cama e *boudoir*.

<sup>104</sup> Biblioteca, *toilette*, quarto de cama e gabinete de trabalho/escrit3rio.

<sup>105</sup> Museu Antigo e Pinacoteca.

<sup>106</sup> HANSELAAR, Saskia – *La Maison pomp3ienne de Joseph Napol3on par Gustave Boulanger*. In <https://www.histoire-image.org/fr/etudes/maison-pompeienne-joseph-napoleon-gustave-boulanger> (2018.07.02; 10h) As designa33es de determinados espa3os remetem-nos para os equivalentes nas domus romanas, mas com outra apropria33o e modernizados. CAMPBELL, Gordon, coord. – *The Grove encyclopedia of classical art and architecture*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007, vol. 2, pp. 734-738.

<sup>107</sup> RAMOS, *Op. cit.*, pp. 106-111.



Dos principais espaços interiores o *Atrium* “...de la maison néo-antique du prince Napoléon est aussi le lieu le plus important et le plus vaste de l'édifice. On n'imagine pas à quel point cette disposition est élégante et rationnelle, et peut se plier aux exigences de la vie moderne.”<sup>108</sup> Tinha quatro colunas com capitéis coríntios e as paredes foram preenchidas com pinturas decorativas. Na extremidade do *impluvium*<sup>109</sup>, propositadamente de frente para o segundo vestíbulo, estava a estátua do Imperador Napoléon I personificado como César, da autoria do escultor francês Jean-Baptiste Claude Eugène Guillaume (1822-1905)<sup>110</sup>. Ao redor colocaram os bustos, assentes em plintos, dos restantes antepassados da família Bonaparte. O mobiliário era composto por bancos, sofás, vasos para arbustos e mesas. O recurso a candeeiros foi amplamente empregue neste espaço de forma original e integrado na arquitetura, de acordo com a métrica, com os vãos e com as pinturas decorativas. Entre as colunas aqueles estavam suspensos por correntes numa base e com tapa fumos no topo, para não chamuscarem o tecto. A porta da *Bibliothèque*, da *Salle à manger* e a central para o *Grand Salon* eram ladeadas por dois candelabros com correntes<sup>111</sup>. A porta para o segundo vestíbulo era ladeada por duas credências com dois candeeiros ao centro, cada um com um par de vasos, de forma a iluminarem as paredes que tinham duas cenas com figuras humanas<sup>112</sup>.

<sup>108</sup> “...da casa neo-antiga do príncipe Napoléon é também o espaço mais importante e o mais vasto no edifício. Não podemos imaginarmos o quão é elegante e racional esta disposição, além de responder às exigências da vida moderna.” GAUTIER, HOUSSAYE, COLIGNY, *Op. cit.*, p. 14.

<sup>109</sup> Neste caso não recebia águas pluviais, por ter estado fechado por uma superfície envidraçada.

<sup>110</sup> Uma cópia em gesso desta estátua pertence ao acervo do *Musée d'Orsay*, Inv. DO 2017 – 7.

<sup>111</sup> Estes candelabros têm semelhanças com um par que pertenceu a D. Maria Luísa de Sousa Holstein, 3ª duquesa de Palmela (1841-1909), e que ladeavam o fogão do seu *Atelier* na Rua da Escola Politécnica. O fotógrafo italiano Francesco Rocchini (1821-1893) fotografou-os nos finais do século XIX, cujos negativos pertencem ao *Arquivo Municipal de Lisboa – Arquivo Fotográfico* e as cotas são as seguintes: ROC000062, ROC000063, ROC000065 e ROC000066.

<sup>112</sup> LAPLANCHE J. ET CIE – Maison pompéienne du Prince Napoléon, 18 avenue Montaigne, 8ème arrondissement. Côté gauche de l'atrium. Côté de la bibliothèque. In <http://parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/maison-pompeienne-du-prince-napoleon-18-avenue-montaigne-8eme-2#infos-principales> (2018.07.02; 23h) LAPLANCHE J. ET CIE – Maison pompéienne du Prince Napoléon, 18 avenue Montaigne, 8ème arrondissement, Paris. Intérieur de l'atrium avec porte de la bibliothèque. In <http://parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/maison-pompeienne-du-prince-napoleon-18-avenue-montaigne-8eme-0#infos-principales> (2018.07.02; 23h) LAPLANCHE J. ET CIE – Maison pompéienne du Prince Napoléon, 18 avenue Montaigne. Atrium, vue prise depuis le salon, 8ème arrondissement. In <http://parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/maison-pompeienne-du-prince-napoleon-18-avenue-montaigne-atrium-vue-prise#infos-principales> (2018.07.02; 23h)

Este espaço serviu de cenário ao quadro intitulado *Répétition du “Joueur de flûte” et de la “Femme de Diomède” chez le prince Napoléon* do pintor francês Gustave Clarence Rodolphe Boulanger (1824-1888) e datado de 1861, imortalizando assim o prólogo e a comédia realizados na inauguração<sup>113</sup>.

A *Bibliothèque* era a mais “... *élégant et mieux entendu. De sveltes colonnettes de bois de citre, autour desquelles tourne en spirale une brindille de lierre, supportent les rayons et, à mi-hauteur de la salle, une étroite galerie en balcon qui forme comme le second étage de la bibliothèque et permet d’atteindre plus facilement les volumes.*”<sup>114</sup> As paredes estavam totalmente preenchidas com prateleiras e numa mesa estava assente um grande vaso com duas pegas. Do teto pendia um lustre com correntes só para candeeiros, um ao centro e três nas extremidades<sup>115</sup>.

Na fachada tardoz estava um dos mais originais espaços interiores do edifício, que era *La Serre*<sup>116</sup> ou *Jardin d’hiver*, conforme vem descrito na documentação consultada. Na planta podemos observar que tinha forma quadrada, com paredes em alvenaria e pintura decorativa; a fachada exterior terminava em forma aparentemente semi-circular com superfícies envidraçadas rectas, unidas por colunas em ferro<sup>117</sup>. O tecto acompanhava o desenho em planta e também era em ferro e vidro, do qual pendia um lustre para velas. Estas superfícies podiam ser tapadas de acordo a incidência solar e época do ano, conforme temos visto nas fotografias sobreviventes. Ao centro da parede, para o *Grand Salon*, havia uma janela interior em cujo parapeito estavam os bustos dos então Imperadores de França e um sofá. Este vão era ladeado por dois candelabros, cada um com uma figura

<sup>113</sup> A tela a óleo pertence ao acervo do *Musée d’Orsay*, Inv. RF 1550, MV 5614.

<sup>114</sup> “...elegante e melhor desenvolvida. Colunas delgadas de madeira de limoeiro (?), em torno das quais desenvolve-se em espiral um ramo de hera, sustentam os arcos que suportam a estrutura, a meia altura da sala, de uma galeria estreita com varanda que é o segundo andar da biblioteca, permitindo assim alcançar facilmente os volumes.” GAUTIER, HOUSSAYE, COLIGNY, *Op. cit.*, p. 19.

<sup>115</sup> LAPLANCHE J. ET CIE – Maison pompéienne du Prince Napoléon, 18 avenue Montaigne. La bibliothèque, 8ème arrondissement, Paris. In <http://parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/maison-pompeienne-du-prince-napoleon-18-avenue-montaigne-la-bibliotheque#infos-principales> (2018.07.02; 23h)

<sup>116</sup> Num artigo publicado em 1866 realizaram-se várias gravuras a partir das fotografias da casa *Laplanche J. et Cie*, mas nas legendas designam este espaço *L’Atrium* e este *La Serre*, deverá ter havido uma troca durante a impressão da página. V., M. – La Maison pompéienne du Prince Napoleon. *Le Monde Illustré*, nº 472 (28 Ab. 1866), p. 265.

<sup>117</sup> O recurso ao ferro e ao vidro foi seguido na Casa-Estúdio de Carlos Relvas na Golegã, mas projetada para estúdio fotográfico e caso único no mundo pela sua qualidade arquitetónica aliada à função da fotografia.

ao centro em vulto-perfeito e três candeeiros no topo, e ao lado destes ficavam as duas portas para o referido salão. O restante mobiliário era composto por mesas, por cadeiras e por cadeiras com braços, estas últimas simulavam bambu. Ao centro deste espaço estava a maquete de um templo romano numa *vitrine*. As portas para o *Cabinet de travail* e o *Boudoir* eram também ladeadas por candelabros para candeeiros com correntes. Na área semi-circular estava a estátua de Nyssia do escultor francês Eugène Antoine Aizelin (1821-1902) pousada “... *légèrement sur la fontaine où elle semble toujours vouloir descendre pour se baigner. On n’est pas plus belle, mieux drapée et plus pudique.*”<sup>118</sup> Ao redor desta fonte<sup>119</sup> estavam bustos assentes em plintos da família Bonaparte e nas colunas, entre os planos envidraçados, foram aplicadas peanhas para candeeiros<sup>120</sup>.

No *Cabinet de travail* estava uma secretária com um candeeiro para velas, com *abat-jour*, no mesmo género dos do período Império. As mesas eram inspiradas nas congêneres que foram encontradas nas escavações arqueológicas, com bases zoomórficas, embora interpretadas e modernizadas na sua época. O fogão de sala era branco, com ornatos escuros, e contrastava com a restante decoração em cores opostas. Ao centro tinha um relógio, encimado por uma escultura humana em vulto perfeito, e era ladeado por dois candeeiros, com globos cobertos com rendas, e nas extremidades por dois vasos<sup>121</sup>. Rodeando o fogão havia poltronas de gosto moderno e reveladoras do conforto entretanto desenvolvido neste tipo de

<sup>118</sup> “...ligeiramente na fonte onde parece estar sempre a querer descer para se banhar. Nós não somos mais bonitos, mais drapeados e mais púdicos.” GAUTIER, HOUSSAYE, COLIGNY, *Op. cit.*, p. 22.

<sup>119</sup> Na gravura publicada em 1860 sobre a fonte estava um vaso com asas, que poderá ter sido entretanto substituído pela estátua Nyssia do referido escultor. FERRÉ, *Op. cit.*, p. 116.

<sup>120</sup> LAPLANCHE J. ET CIE – Maison pompéienne du Prince Napoléon, 18 avenue Montaigne, 8ème arrondissement, Paris. In <http://parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/maison-pompeienne-du-prince-napoleon-18-avenue-montaigne-8eme#infos-principales> (2018.07.02; 23h) LAPLANCHE J. ET CIE – Maison pompéienne du Prince Napoléon, 18 avenue Montaigne, Jardin d’Hiver, 8ème arrondissement, Paris. In <http://parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/maison-pompeienne-du-prince-napoleon-18-avenue-montaigne-jardin-d-hiver-0#infos-principales> (2018.07.02; 23h)

<sup>121</sup> Estas peças deverão ter sido criteriosamente escolhidas, porque a altura de cada uma descreve uma linha na diagonal, de cuja simetria advém um triângulo. Neste período era comum colocarem-se rendas sobre os globos, quebrando assim a luz e gerando contrastes de luz/sombra sobre os motivos. No já referido romance *Os Maias: Episódios da Vida Romântica* o escritor Eça de Queirós descreve rendas sobre os globos de dois candeeiros do tipo *Carcel*, no escritório de Afonso de Maia. QUEIRÓS, *Op. cit.*, p. 150. Nos Estados Unidos da América também se usavam rendas ou armações em arame, que eram revestidas a seda e enfeitadas com flores. GODEY’S – Lamp shade of green tulle trimmed with roses. *Godey’s Lady’s Book and Magazine*. Philadelphia: Louis A. Godey, Ano 4, nº 96 (1861), p. 244.

mobiliário. O tecto tinha uma superfície envidraçada para entrada de luz zenital, sobre o fogão, e ao centro um lustre para velas. Todo o ambiente denotava masculinidade e concentração para o estudo<sup>122</sup>.

O *Musée antique* ou *Pinacothèque* era inspirado arquitetonicamente nos *atriums* interiores das casas romanas<sup>123</sup>, mas com uma nova abordagem no uso dos materiais e do mobiliário. Tinha duas portas janelas, uma interior para a *Piscine* e a outra exterior, e na mesma largura no tecto uma superfície envidraçada, com as extremidades em ângulo. Desta superfície pendiam também dois lustres só para candeeiros, semelhantes aos da *Bibliothèque*. Nas paredes estavam pendurados quadros e peanhas para candeeiros a ladear os vãos mencionados<sup>124</sup>. O mobiliário era composto por duas mesas, duas *vitruines*, cadeiras com braços e pedestais para bustos, onde se expunham e enquadravam peças da antiguidade clássica e egípcia (Fig. 9)<sup>125</sup>.

Pelo que pudemos observar nas fotografias, todos estes espaços descritos tinham pavimentos em mosaicos ou inspirados em motivos padronizados de gosto clássico.

Na *Maison pompéienne* foram inovadoramente exploradas as superfícies envidraçadas e a distribuição espacial interna, de acordo com um novo modo de vida e conforto. Os candeeiros foram extensivamente utilizados em inúmeras soluções, que visavam uma maior incidência de luz e especificamente colocados em suportes de acordo com a decoração do espaço destinado. Integraram-se e realçaram inovadoramente as formas arquitetónicas, daí a referência no dia da inauguração que o edifício era

<sup>122</sup> LAPLANCHE J. ET CIE – Maison pompéienne du Prince Napoléon, 18 avenue Montaigne. Cabinet de Travail, 8<sup>ème</sup> arrondissement, Paris. In <http://parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/maison-pompeienne-du-prince-napoleon-18-avenue-montaigne-cabinet-de-travail#infos-principales> (2018.07.02; 23h)

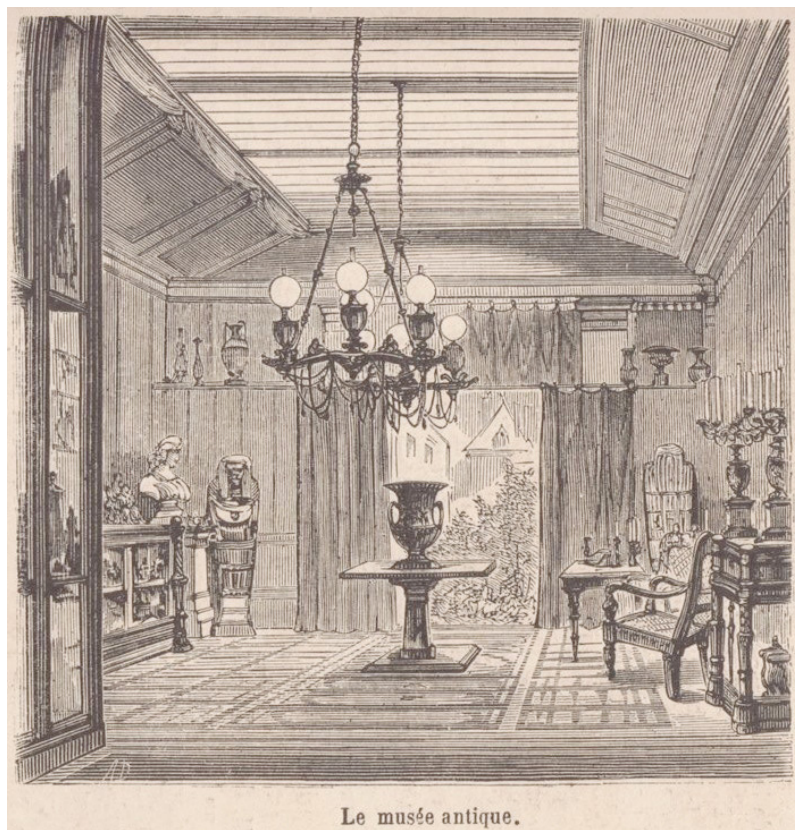
<sup>123</sup> Por exemplo o quadro intitulado *A Pompeian Interior* do pintor italiano Luigi Bazzani (1836-1927), datada de 1882, foi inspirada nos edifícios de Pompeia. A tela a óleo pertence ao acervo do *Dahesh Museum of Art*, Inv. RF 1550, MV 5614.

<sup>124</sup> Foi neste espaço que foi levada à cena a comédia *Le Joueur de Flûte* do dramaturgo Émile Augier, interpretada pela Comédie-Française e durante a festa de inauguração. Num dos vãos foi montado o palco e no espaço foram colocadas cadeiras para os espetadores. FERRÉ, *Op. cit.*, p. 116.

<sup>125</sup> LAPLANCHE J. ET CIE – Maison pompéienne du Prince Napoléon, 18 avenue Montaigne. Musée, les bustes de Rachel, 8<sup>ème</sup> arrondissement, Paris. In <http://parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/maison-pompeienne-du-prince-napoleon-18-avenue-montaigne-musee-les-bustes#infos-principales> (2018.07.02; 23h) LAPLANCHE J. ET CIE – Maison pompéienne du Prince Napoléon, 18 avenue Montaigne. Musée, vue prise depuis les Bains – Athéniens, 8<sup>ème</sup> arrondissement, Paris. In <http://parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/maison-pompeienne-du-prince-napoleon-18-avenue-montaigne-musee-vue-prise#infos-principales> (2018.07.02; 23h)



*vraiment merveilleux aux flambeaux*<sup>126</sup>. As formas eram inspiradas nas da época clássica, mas foram originalmente interpretadas em novas apropriações e funcionalidades<sup>127</sup>. Os candeeiros eram do tipo *Carcel* e todos com globos, pelo que nos foi dado observar na documentação sobrevivente.



**Fig. 9** – *Le Musée Antique* na *Maison pompéienne*, conforme foi publicado no *Le Monde Illustré*, V., M.. “La Maison pompéienne du Prince Napoleon”. *Le Monde Illustré*, Nº 472, 28 de Abril de 1866, p. 265, colecção do autor.

Este edifício era também uma afirmação pessoal e orgulho pela família Bonaparte e os seus antepassados, representados e homenageados no seu interior.

Neste edifício encontramos provavelmente parte das fontes de inspiração para as soluções arquitetónicas e decorativas desenvolvidas na *Sala de*

<sup>126</sup> O edifício foi demolido em 1891.

<sup>127</sup> Por serem objectos modernos não foram pintados no quadro intitulado *Répétition du “Joueur de flûte” et de la “Femme de Diomède”* chez le prince Napoléon do pintor Gustave Boulanger já referido no decorrer do texto.



*Marmore*, no *Gabinete de Carvalho* e na *Sala Azul* no Palácio Nacional da Ajuda.

## 6. Considerações finais

No projeto da *Sala de Marmore* o arquiteto Joaquim Possidónio Narciso da Silva estabeleceu relações visuais e espaciais com o *Gabinete de Carvalho*, este por sua vez com a *Sala Azul*, de forma a criar uma sucessão de espaços de estar complementares e com uma função específica, além de separar eficazmente os aposentos do casal real, estabelecendo assim diferentes níveis de privacidade.

Este espaço foi também uma forma de estar em contacto com a Natureza, embora controlado e requintado, através do som relaxante da água no repuxo, das flores, das plantas e do som das aves, colmatando assim a proximidade imediata de um jardim.

A nível arquitetónico há uma original interpretação da antiguidade clássica, mas aliada a novos métodos construtivos e mecânicos. O uso intensivo e invulgar de vários tipos de pedra foi com engenho explorado pelo arquiteto, através da sua complementaridade, nas paredes e nos elementos arquitetónicos. Nestes há um equilíbrio nas proporções e o cromatismo pétreo foi deliberadamente escolhido de acordo com a função subjacente. Esta mistura é também curiosa porque se usaram pelo menos duas pedras de origem estrangeira, conjugadas com as restantes de origem nacional.

O gosto clássico foi seguido nos candelabros estrategicamente colocados para realçar os elementos arquitetónicos. Estes fazem conjunto com duas mesas e que contrastam estilisticamente com o mobiliário de assento, as guarnições dos vãos e do já desaparecido caramanchão eclético. O lustre ao gosto europeu tem as proporções adequadas para o espaço e em altura com o repuxo; desta forma temos um conjunto central e marcante, tanto a nível de escala como de luz.

Estas inovações e abordagens tiveram como base muito provavelmente as que foram exploradas no Palacete da Princesa Mathilde Bonaparte e na *Maison pompéienne* ambas em Paris. É natural que as relações familiares da rainha D. Maria Pia a tenham influenciado na decoração do Palácio da Ajuda, modernizando-o ao gosto contemporâneo francês.

Todas estas características contribuem para uma visão global de conjunto, que fazem deste projeto intemporal caso único no seu género.



# Notícias



# I – DISSERTAÇÕES

## A) Dissertações de Mestrado em Artes Decorativas

**Coordenação do Mestrado:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa

### 1) ANA RAQUEL LIMA VIEIRA

**Título:** A Nova Estética da Veste Litúrgica: 1950-2005 (2 vols.)

**Data de defesa:** 21 de Maio de 2007

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutor Pedro Clementino Vilas-Boas Tavares (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutor D. Carlos Alberto Moreira Azevedo (Faculdade de Teologia da UCP)

**Classificação:** Muito Bom (18 valores)

### 2) CARLOS NODAL MONAR

**Título:** Policromia da talha barroca do Noroeste de Portugal (1 vol.)

**Data de defesa:** 30 de Maio de 2007

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutor Joaquim Azevedo (Presidente do Centro Regional do Porto)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutora Maria Luísa Reis Lima (Universidade Portucalense)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutora Ana Calvo Manuel (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** Muito Bom (18 valores)

### 3) MARIA JOANA SAMPAIO BELARD DA FONSECA

**Título:** Os azulejos dos séculos XVII e XVIII no Convento de Nossa Senhora da Arrábida e nos restantes conventos da sua Província (2 vols.)

**Data de defesa:** 31 de Maio de 2007

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutor Joaquim Azevedo (Presidente do Centro Regional do Porto)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutora Margarida Calado (Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutora Maria Alexandra Gago da Câmara (Universidade Aberta)

**Classificação:** Muito Bom (18 valores)

**4) MARIA JOÃO BARBOSA DA COSTA****Título:** Joalheria Contemporânea em Portugal (2 vols.)**Data de defesa:** 21 de Junho de 2007**Júri:****Presidente:** Prof. Doutor Joaquim Azevedo (Presidente do Centro Regional do Porto)**Vogal Arguente:** Prof. Doutor Vasco Afonso da Silva Branco (Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro)**Vogal Orientador:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)**Classificação:** Bom com distinção (17 valores)**5) FERNANDO CARLOS FERNANDES COUTINHO****Título:** O uso dos objectos litúrgicos nos sacramentos do baptismo, da eucaristia, da confirmação e da unção dos enfermos (2 vols.)**Data de defesa:** 6 de Julho de 2007**Júri:****Presidente:** Prof. Doutor Joaquim Azevedo (Presidente do Centro Regional do Porto)**Vogal Arguente:** Prof. Doutor Pedro Clementino Vilas-Boas Tavares (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)**Vogal Orientador:** Prof. Doutor D. Carlos Alberto Moreira Azevedo (Faculdade de Teologia da UCP)**Classificação:** Bom com distinção (16 valores)**6) CARLOS JOSÉ DE ALMEIDA FRANCO****Título:** O Mobiliário nas Casas das Elites Lisboetas nos Finais do Antigo Regime<sup>1</sup>**Data de defesa:** 12 de Julho de 2007**Júri:****Presidente:** Prof. Doutor Joaquim Azevedo (Presidente do Centro Regional do Porto)**Vogal Arguente:** Prof. Doutor Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)**Vogal Orientador:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)**Classificação:** Muito Bom (19 valores)

---

<sup>1</sup> Esta dissertação foi publicada, com adaptações, por FRANCO, Carlos de Almeida – *O mobiliário das elites de Lisboa na segunda metade do século XVIII*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.



**7) MARIA DE SÃO JOSÉ ROSÁRIO PINTO LEITE****Título:** A Oficina Baganha e os Estuques no Século XX no Porto (2 vols.)<sup>2</sup>**Data de defesa:** 12 de Julho de 2007**Júri:****Presidente:** Prof. Doutor Joaquim Azevedo (Presidente do Centro Regional do Porto)**Vogal Arguente:** Prof. Doutora Maria Raquel Henriques da Silva (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa)**Vogal Orientador:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)**Classificação:** Muito Bom (19 valores)**8) JOANA COELHO DA SILVAFEYO DE AZEVEDO****Título:** Mobiliário de Assento Romântico em Portugal (2 vols.)<sup>3</sup>**Data de defesa:** 23 de Julho de 2007**Júri:****Presidente:** Prof. Doutor Joaquim Azevedo (Presidente do Centro Regional do Porto)**Vogal Arguente:** Prof. Doutora Maria Regina Dias Baptista Teixeira Anacleto (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)**Vogal Orientador:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)**Classificação:** Muito Bom (18 valores)**9) IVETE DO CÉU RODRIGUES FERREIRA****Título:** Os Ratinhos: Cerâmica Portuguesa de Cariz Popular (2 vols.)**Data de defesa:** 25 de Julho de 2007**Júri:****Presidente:** Prof. Doutor Joaquim Azevedo (Presidente do Centro Regional do Porto)**Vogal Arguente:** Prof. Doutor Rui Sousa Martins (Universidade dos Açores)**Vogal Orientador:** Prof. Doutora Maria Alexandra Saramago Castelo Branco Trindade Gago da Câmara (Universidade Aberta)**Classificação:** Muito Bom (18 valores)

---

<sup>2</sup> Esta dissertação encontra-se editada pelo CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes, da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (vd. *infra*).

<sup>3</sup> Uma parte do 2º volume deste trabalho encontra-se publicada no nº 1 desta revista.

**10) MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA DE FIGUEIREDO LOBO E SILVA**

**Título:** O traje civil em Portugal e na pintura: 1600-1680 (1 vol.)

**Data de defesa:** 26 de Julho de 2007

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutor Joaquim Azevedo (Presidente do Centro Regional do Porto)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutor Pedro Almeida Cardim (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutor António Filipe Pimentel (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

**Classificação:** Muito Bom (18 valores)

**11) SUSANA PATRÍCIA GOMES FERREIRA**

**Título:** Da forma e da cor: representações do hábito das Ordens Mendicantes na Imaginária Barroca no Alto Minho Ocidental (2 vols.)

**Data de defesa:** 8 de Outubro de 2007

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutor José Manuel Alves Tedim (Universidade Portucalense)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutor Vítor Teixeira (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** Muito Bom (18 valores)

**12) CRISTINA MARIA MALHEIROS DA SILVA CARVALHO**

**Título:** O Azulejo Publicitário em Lisboa: da 2ª metade do Século XIX à II Guerra Mundial (2 vols.)

**Data de defesa:** 18 de Outubro de 2007

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutora Luísa Capucho Arruda (Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutora Maria Alexandra Saramago Castelo Branco Trindade Gago da Câmara (Universidade Aberta)

**Classificação:** Muito Bom (18 valores)

**13) TERESA MARIA SILVA TAVARES**

**Título:** O *Infante D. Henrique*. Um pacote português e os seus ambientes decorativos (1 vol.)

**Data de defesa:** 22 de Outubro de 2007

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutor Joaquim Azevedo (Presidente do Centro Regional do Porto)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutora Maria Fernanda Pinto Basto (Escola Superior de Artes Decorativas Ricardo Espírito Santo Silva)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** Muito Bom (18 valores)

#### 14) HELENA MARIA AZEVEDO OSÓRIO

**Título:** Ambientes Decorativos das casas nobres do Norte de Portugal (2 vols.)

**Data de defesa:** 18 de Fevereiro de 2009

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutor Joaquim Azevedo (Presidente do Centro Regional do Porto)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutor Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** Bom com distinção (17 valores)

#### 15) MARIA JOÃO SANTOS NUENS PETISCA<sup>4</sup>

**Título:** A laca de Cantão: Um estudo sobre biombos chineses de exportação nos séculos XVIII e XIX (1 vol.)

**Data de defesa:** 12 de Novembro de 2009

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutora Alexandra Curvelo (Universidade Nova de Lisboa)

**Vogal Orientador:** Doutor Pedro Moura Carvalho (especialista convidado)

**Classificação:** Excelente (18 valores)

#### 16) ROSA MARIA DOS SANTOS MOTA

**Título:** O uso do ouro popular nas festas da Senhora da Agonia, em Viana do Castelo (2 vols.)<sup>5</sup>

**Data de defesa:** 18 de Novembro de 2009

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutor Joaquim Azevedo (Presidente do Centro Regional do Porto)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutora Maria Eduarda Ferreira Coquet (Universidade do Minho)

<sup>4</sup> A partir desta data foi aplicada a nova tabela de designações das notas das dissertações, seguidas da classificação numérica.

<sup>5</sup> Esta dissertação foi publicada: MOTA, Rosa Maria dos Santos – *O uso do ouro nas Festas da Senhora d'Agonia, em Viana do Castelo*. Porto: UCE-Porto; CONP; CITAR, 2011.

**Vogal Orientador:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** Excelente (19 valores)

#### 17) TERESA MARIA PINTO TRANCOSO

**Título:** Um estudo sobre a obra de António Maria Ribeiro: Cinzelador, ourives, escultor e desenhador portuense: 1889-1962 (1 vol.)<sup>6</sup>

**Data de defesa:** 4 de Dezembro de 2009

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutor Joaquim Azevedo (Presidente do Centro Regional do Porto)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutora Maria Regina Dias Baptista Teixeira Anacleto (Universidade de Coimbra)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** Excelente (19 valores)

#### 18) ANTÓNIO HERLÄNDER FERNANDES ANTUNES MARTINS

**Título:** Vidros com decoração incisa e outros produtos da Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande: De 1747-1826 (2 vols.)

**Data de defesa:** 8 de Janeiro de 2010

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutor José Maria Amado Mendes (Universidade de Coimbra)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutora Maria Alexandra Saramago Castelo Branco Trindade Gago da Câmara (Universidade Aberta)

**Classificação:** Excelente (18 valores)

#### 19) MARIANA RIBEIRO LOPES SOARES MENDES DA CUNHA MONTEIRO

**Título:** Mesas de jogo rococó e neoclássicas em Portugal: 1750-1820<sup>7</sup> (1 vol.)

**Data de defesa:** 26 de Março de 2010

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutora Ana Calvo Manuel (Escola das Artes da UCP)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutor António Filipe Pimentel (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

<sup>6</sup> Esta dissertação foi publicada: TRANCOSO, Teresa Maria Pinto – *António Maria Ribeiro: Cinzelador, ourives, escultor e desenhador portuense (1889-1962)*. Porto: UCE-Porto; CIIONP; CITAR, 2011.

<sup>7</sup> Esta dissertação foi publicada: MENDES, Mariana Soares – *Mesas de jogo rococó e neoclássicas em Portugal: 1750-1820*. Lisboa: Scribe, 2010.

**Vogal Orientador:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** Excelente (18 valores)

## 20) PAULA ALEXANDRA ABREU MONTEIRO

**Título:** Veludos lavrados dos séculos XV e XVI na paramentaria em colecções e acervos nacionais (1 vol.)

**Data de defesa:** 22 de Setembro de 2010

**Júri:**

**Presidente:** Prof. Doutora Ana Calvo Manuel (Escola das Artes da UCP)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutor Pedro Eugénio Dias Ferreira de Almeida Flor (Universidade Aberta)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** Excelente (19 valores)

## 21) MARIA DA GLÓRIA MACEDO ROSAS DE SOUZA BRANDÃO

**Título:** A moda feminina no Porto na segunda metade do século XIX (1 vol.)

**Data de defesa:** 18 de Novembro de 2010

**Júri**

**Presidente:** Prof. Doutora Ana Calvo Manuel (Escola das Artes da UCP)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutor Agostinho Rui Araújo (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** Excelente (18 valores)

## 22) MARIA JOANA DE SIQUEIRA CASTRO E SOLLA CAMPELO

**Título:** Registos de santos em azulejos (c. 1700-1830): Fontes gravadas e distribuição em Lisboa (2 vols.)

**Data de defesa:** 3 de Dezembro de 2010

**Júri**

**Presidente:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutora Ana Paula Rebelo Correia (Escola Superior de Artes Decorativas)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutora Maria Alexandra Saramago Castelo Branco Trindade Gago da Câmara (Universidade Aberta)

**Classificação:** Muito Bom (17 valores)

## 23) ELSA FILIPE DE ANDRADE MURTA

**Título:** A estética e a materialidade: A talha na Igreja de Santo Alberto em Lisboa (1 vol.)

**Data de defesa:** 3 de Março de 2011



**Júri**

**Presidente:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutora Maria Luísa Gonçalves Reis Lima (Universidade Portucalense)

**Vogal Orientador:** Doutora Maria de Fátima dos Prazeres Eusébio

**Classificação:** Excelente (18 valores)

**24) ANA MARIA SEIXAS MAGALHÃES FERNANDES**

**Título:** O leque dos séculos XVIII-XIX nas colecções portuguesa (2 vols.)

**Data de defesa:** 27 de Abril de 2011

**Júri**

**Presidente:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Vogal Arguente:** Prof. Doutor Paulo Alexandre Simões Rodrigues (Universidade de Évora)

**Vogal Orientador:** Prof. Doutora Maria Alexandra Saramago Castelo Branco Trindade Gago da Câmara (Universidade Aberta)<sup>8</sup>

**Classificação:** Muito Bom (16 valores)

**B) Teses de Doutoramento****B.1. Teses de Doutoramento em Arte – Especialidade de Artes Decorativas****a) ALEXANDRE NOBRE PAIS**

**Título:** Fabricado no Reino Lusitano: O que antes nos vendes tão caro a China: *A produção de fiança em Lisboa entre os reinados de Filipe II e D. João V*

**Data:** 12 de Dezembro de 2012

**Orientação:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** *Summa cum Laude* (19 valores)

**b) DANIELA FILIPA DOS SANTOS COELHO**

**Título:** O mobiliário pintado em Portugal do Século XVIII. Materiais, Técnicas e Estado de Conservação

**Data:** 10 de Setembro de 2013

**Orientação:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Co-orientadora:** Prof. Doutora Ana Calvo Manuel (Universidade Complutense de Madrid)

**Classificação:** *Magna cum laude* (17 valores)

<sup>8</sup> Sendo co-orientadora a Eng.<sup>a</sup> Isabel Ribeiro.

## B.2. Teses de Doutoramento em Estudos do Património, abordando temáticas de Artes Decorativas

### a) MARIA ADELINA NOGUEIRA VALENTE

**Título:** Matrizes Inglesas no Mobiliário Português da segunda metade do século XVIII

**Data:** 10 de Julho de 2014

**Orientação:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** *Magna cum Laude* (18 valores)

### b) ROSA MARIA DOS SANTOS MOTA

**Título:** O Uso do Ouro Popular no Norte de Portugal no Século XX

**Data:** 23 de Dezembro de 2014

**Orientação:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** *Magna cum Laude* (18 valores)

### c) CARLOS JOSÉ DE ALMEIDA FRANCO

**Título:** Casas das elites de Lisboa: Objectos, Interiores e Vivências (1750-1830)<sup>9</sup>

**Data:** 29 de Maio de 2015

**Orientação:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** *Summa cum Laude* (19 valores)

### d) PEDRO ALEXANDRE ALMEIDA DE VASCONCELOS GOMES CARDOSO

**Título:** Estudo da Arte da Talha das Capelas Particulares dos Arciprestados de Lamego e Tarouca

**Data:** 1 de Junho de 2015

**Orientação:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** *Summa cum Laude* (19 valores)

### e) RITA SOFIA CARLOS DA FONSECA

**Título:** A Ourivesaria da Prata em Lisboa no Período Rococó (1750-1777): Os Mestres e as Obras

**Data:** 20 de Junho de 2016

**Orientação:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** *Summa cum Laude* (19 valores)

<sup>9</sup> Esta tese foi publicada: FRANCO, Carlos – *Casas das elites de Lisboa: objectos, interiores e vivências 1750-1830*. Lisboa: Scribe, 2015.

**f) ANA CRISTINA MARQUES FILIPE**

**Título:** Trajetórias da Joalheria Contemporânea em Portugal: Artistas e Contextos (1963-2004)

**Data:** 13 de Novembro de 2018

**Orientação:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP)

**Classificação:** *Summa cum Laude* (19 valores)

**B.3 Projectos de Tese de Doutoramento em Estudos do Património, abordando temáticas de Artes Decorativas****1) CLÁUDIA EMANUEL FRANCO DOS SANTOS**

**Tema:** *A vida e obra de azulejaria de Jorge Rey Colaço*

**Orientador:** Prof. Doutora Eduarda Maria Moreira da Silva Vieira

**Co-orientador:** Prof. Doutor João Manuel Mimoso

**Data de início:** Novembro de 2009

**2) SÓNIA MARIA DE OLIVEIRA GONÇALVES SKODA**

**Tema:** *A Casa Michel de Worms Irmãos, as joias, as joalherias e o comércio de luxo na cidade de São Paulo no período de 1880-1940*

**Orientador:** Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa

**Data de início:** Outubro de 2014

## II – PUBLICAÇÕES

### A) Colecção obras de Carlos da Silva Lopes

**Edição:** GEAD/CITAR

**Coordenação editorial:** Gonçalo de Vasconcelos e Sousa

#### Títulos publicados:



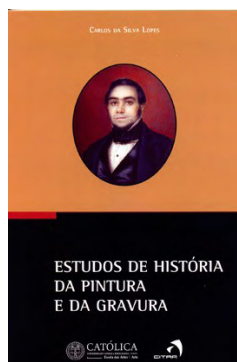
*Estudos de História do Mobiliário* (2004)



*Estudos de História da Cerâmica* (2004)



*Estudos de História da Ourivesaria* (2005)



*Estudos de História da Pintura e da Gravura* (2009), com prefácio do Prof. Doutor Vítor Serrão.

## B) Colecção Uma iniciação a...

**Edição:** Parceria CITAR com a Livraria Civilização Editora

**Coordenação editorial:** Gonçalo de Vasconcelos e Sousa

**Títulos publicados:**



**Ana Calvo**

*Técnicas e Conservação de Pintura* (2006)



**Miguel Cabral de Moncada**

*Peritagem e Identificação de Obras de Arte* (2006)

## C) Obra em parceria entre o CITAR e a Livraria Civilização Editora



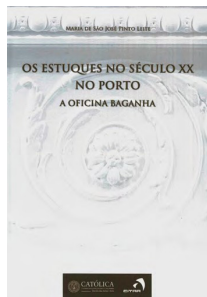
**Maria Alexandra Gago da Câmara**

*Azulejaria do século XVIII: Espaço Lúdico e Decoração na Arquitectura Civil de Lisboa* (2007)

## D) Colecção Artes Decorativas em Portugal

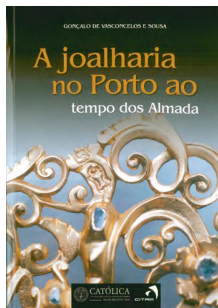
**Edição:** CITAR

**Coordenação:** Gonçalo de Vasconcelos e Sousa



**Maria de São José Pinto Leite**

*Os estuques no Porto no século XX: A Oficina Baganha* (2008)

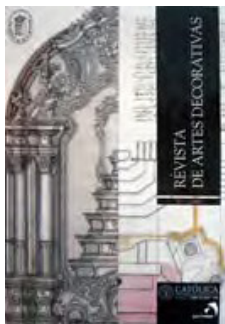


**Gonçalo de Vasconcelos e Sousa**

*A joalharia no Porto ao tempo dos Almada* (2008)



## E) Revista de Artes Decorativas (n.ºs 1 a 6)



### 1. Revista de Artes Decorativas, n.º 1 (2007)

#### Editorial

*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

#### Artigos

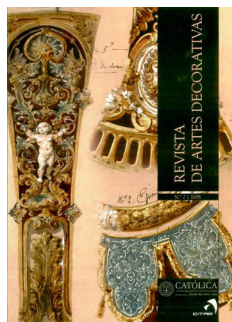
- a) Los tapices de Alfonso Quinto de Portugal o tapices de Pastrana  
*Victoria Ramirez Ruiz*
- b) A policromia na faiança portuguesa de exportação no século XVII  
*Alexandre Nobre Pais*
- c) Do “*lavor dos fios de marfim*” e do mobiliário de sacristia seiscentista  
*Cátia Teles e Marques*
- d) O retábulo-mor da Igreja Matriz de Loures: uma obra emblemática do entalhador Bento da Fonseca Azevedo  
*Sílvia Ferreira*
- e) D. Joaquim Lourenço Ciais Ferrás de Acunha, um desconhecido arquitecto, “riscador” e organeiro do último quartel do século XVIII  
*Celina Bastos*
- f) As elites femininas de Lisboa e o uso dos objectos na 2.ª metade do século XVIII  
*Carlos Franco*

#### Nótulas

- a) Para o estudo do património do Comendador de Santa Maria de Pernes, D. Henrique de Portugal: a Carta de Partilhas de D. Ana de Ataíde (1626)  
*Maria Isabel Drumond Braga*
- b) Rendas de cobalto. Motivo decorativo na faiança do século XVII  
*Paula Monteiro*
- c) A Real Barraca no sítio de Nossa Senhora da Ajuda e as encomendas da Casa Real: alguns elementos para o seu estudo  
*Celina Bastos*
- d) Apontamentos sobre o uso das madeiras em Portugal no século XVIII  
*Adelina Valente*
- e) Sobre uma marca de ensaiador da prata de Guimarães  
*Manuela Alcântara Santos*
- f) Actividade do ourives António Maria Ribeiro  
*Maria Teresa Trancoso*

#### Documentos

- a) Inventário dos bens do 1.º marquês de Abrantes, D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Meneses (1676-1733)  
*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*
- b) Inventário dos bens móveis de Rafael José da Cunha (1791-1868)  
*Alberto Tavares Barreto*
- c) Mobiliário no Porto nos séculos XIX e XX, nos inventários orfanológicos  
*Joana Feyo de Azevedo*



## 2. Revista de Artes Decorativas, nº 2 (2008)

### Editorial

*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

### Artigos

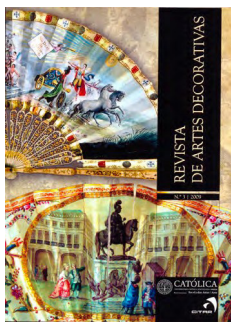
- a) Mármore em cerâmica: uma obra do escultor renascentista Bartolomé Ordoñez em Portugal  
*Pedro Flor*
- b) “só para ostentação da magestade, e grandeza”: Aproximação à encomenda de ourivesaria barroca italiana para a Basílica de Nossa Senhora e Santo António de Mafra  
*Teresa Leonor M. Vale*
- c) Os apóstolos em prata para a Patriarcal de Lisboa: modelos de ourivesaria dos escultores José de Almeida (1708-1770) e Joaquim Machado de Castro (1729-1822)  
*Sandra Costa Saldanha*
- d) Revestimentos decorativos tradicionais de cal e estuque em Portugal  
*Eduarda Moreira da Silva*
- e) *Quelques petits souvenirs de Sèvres*. Elementos para o estudo do acervo cerâmico do Palácio Nacional da Ajuda  
*Cristina Neiva Correia*
- f) O Naturalismo no azulejo publicitário: influências e particularidades  
*Cristina Carvalho*
- g) Os interiores ecléticos da casa Barbot, em Vila Nova de Gaia  
*Maria de São José Pinto Leite*

### Nótulas

- a) Registos de santos em azulejo. Aproximação às fontes gravadas  
*Joana Campelo*
- b) Contributo para o estudo do mobiliário de assento a partir da iconografia de “Santa Ana Mestra”  
*Rita Carlos*
- c) Elementos para o estudo do ofício de lapidário no Porto no terceiro quartel de Setecentos  
*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*
- d) Técnicas e materiais em recibo e memória descritiva de Darnault Frères: uma encomenda de mobiliário da corte portuguesa (1785)  
*Adelina Valente*
- e) Joaquim de Vasconcelos e o estudo das Artes Decorativas em Portugal: a cerâmica e o azulejo (1849-1936)  
*Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara*

### Documentos

- a) Recheios de palácios lisboetas arrendados, no século XIX  
*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*
- b) Um olhar sobre a decoração e o efêmero no Oriente: a relação dos bens embarcados em Goa em 1559 para o Reino, o inventário dos bens do vice-rei D. Martim Afonso de Castro, falecido em Malaca, em 1607, e a relação da entrada do vice-rei D. Jerónimo de Azevedo em Goa, em 1612  
*Pedro Pinto*



### 3. Revista de Artes Decorativas, nº 3 (2009)

#### Editorial

*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

#### Artigos

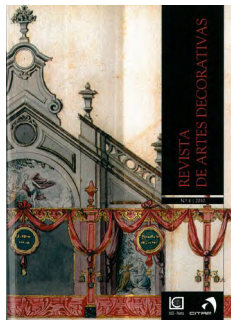
- a) A importância da Glíptica  
*Graça Gravinho*
- b) Os testamentos dos contratadores do pau-brasil David Purry, Joseph Mellish e Gerard De Vismee e algumas notas sobre a influência do mobiliário setecentista inglês em Portugal. O caso dos “leitos imperiais”  
*Adelina Valente*
- c) Contributos para o estudo da colecção têxtil do Museu de Aveiro – Paramentos de festa  
*Maria João Mota*
- d) A “Casa da Cozinha”, em Lisboa, no século XVIII: móveis, recipientes e utensílios  
*Carlos Franco*
- e) Ensaio sobre leques comemorativos portugueses  
*Paulo de Campos Pinto*
- f) A família Dejanete: a marcenaria e a indústria dos mármore no Portugal de Oitocentos  
*Celina Bastos*
- g) Paul Sormani e o estilo Luís XV. Os móveis preferidos da rainha D. Maria Pia  
*Maria do Carmo Rebello de Andrade*
- h) O Infante Dom Henrique. Um pacote português e os seus ambientes decorativos  
*Teresa Tavares*

#### Nótulas

- a) Inquisição e cultura material. Os inventários de bens e a joalharia no Brasil do século XVIII  
*Isabel M. R. Mendes Drumond Braga*
- b) Definição de motivos decorativos em uso na Real Fábrica de Vidros da Mari-nha Grande (1769-1803): I – Redomas com pé e rosca ou rolha  
*António Antunes Martins*
- c) Um coleccionador exigente: António Anastácio Gonçalves (1888-1965)  
*José Alberto Ribeiro*

#### Documentos

- a) A procissão do Corpus Christi e o resgate das relíquias para a Igreja de Nossa Senhora da Luz de Mazagão em 1677  
*Pedro Pinto*
- b) O azulejo do século XVIII nos mosteiros de Santa Clara de Guimarães e de S. Bento de Viana do Castelo  
*Patrícia Roque de Almeida*
- c) Elementos documentais para o estudo da talha da Igreja do Mosteiro de São Bento de Cástris, em Évora  
*Maria Teresa Canhoto Verão*
- d) Traje na documentação da aristocracia portuguesa de Setecentos (I)  
*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*
- e) Cerimonial por ocasião da presença do conde de Bachi na Corte de D. José I  
*Maria Alexandre Trindade Gago da Câmara*



#### 4. Revista de Artes Decorativas, nº 4 (2010)

##### Editorial

*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

##### Artigos

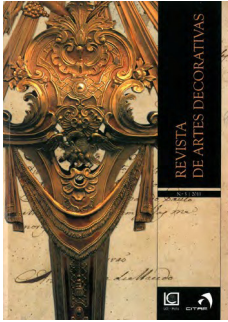
- a) A prata do solene aparato da coroa portuguesa (a partir da 2.<sup>a</sup> metade do século XVIII). Identificação de um conjunto de 23 obras dos séculos XVI a XVIII  
*Maria do Rosário Jardim e Inês Libano Monteiro*
- b) O “caso” Nunes. Notícia de uma família de ourives de origem portuguesa activa no Settecento romano  
*Teresa Leonor Vale*
- c) A laca de Cantão: um estudo sobre biombos chineses de exportação nos séculos XVIII e XIX  
*Maria João Petisca*
- d) A Corte Portuguesa de Setecentos e a joalharia: elementos para o seu estudo  
*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*
- e) Teares, fios e tecidos em viagem. Produções e exportações da Real Fábrica das Sedas para o Brasil (1734-1821)  
*Isabel M. R. Mendes Drumond Braga*
- f) Bastidores de uma festa da Corte no Palácio de Queluz (1795): artistas e artesãos  
*Isabel Mayer Godinho Mendonça*

##### Nótulas

- a) Cabeleireiros e Inquisição no Portugal setecentista  
*Paulo Drumond Braga*
- b) Damião Pereira de Azevedo. Novos elementos sobre o entalhador e arquitecto portuense  
*Adelina Valente*
- c) Nota breve em torno das pedras incolores na joalharia portuguesa dos séculos XVIII e XIX  
*Rui Galopim de Carvalho*
- d) Reflexos do Historicismo no catálogo de vidros da Companhia Industrial Portuguesa  
*António Antunes Martins*

##### Documentos

- a) Inventário medieval do Convento de São Domingos de Azeitão  
*Pedro Pinto*
- b) Inventário quinhentista das igrejas de Santa Maria do Olival, São João da Praça, Santa Maria do Castelo, Santa Iria, Santa Maria de Pias e da Ermida de Santa Maria do Monte  
*Pedro Pinto*
- c) Traje na documentação da aristocracia portuguesa de Setecentos (II)  
*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*



## 5. Revista de Artes Decorativas, nº 5 (2011)

### Editorial

*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

### Artigos

- a) A conversão e reutilização de peças têxteis. Uma prática comum da sociedade quinhentista portuguesa  
*Maria João Pacheco Ferreira*
- b) Novos documentos sobre as encomendas artísticas do 1º marquês de Fronteira, D. João de Mascarenhas. Decorações, colecções e arquitectura nos palácios de Lisboa na 2.ª metade do século XVIII  
*Miguel Soromenho*
- c) Roma em Lisboa: as artes decorativas no contexto das obras de arte enviadas da cidade pontifícia para a capital portuguesa no reinado de D. João V  
*Teresa Leonor Vale*
- d) O regimento do ofício de ladrilhadores da cidade de Lisboa  
*Rosário Salema de Carvalho*
- e) A prata elvense nas contribuições de 1807-1808 e 1834  
*Nuno Grancho*

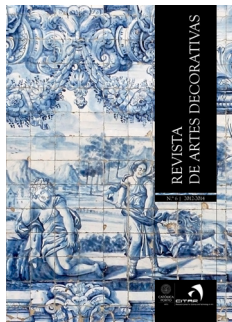
### Nótulas

- a) A encadernação do foral de Viana da Foz do Lima, dado por D. Manuel a 1 de junho de 1512. Reflexões a propósito da sua reencadernação  
*Maria Margarida Cunha Seixas*
- b) A evolução dos talhes do diamante do século XVI ao século XVIII em Portugal  
*Rui Galopim de Carvalho*
- c) As pratas da princesa D. Isabel Luísa Josefa (1669-1690)  
*Isabel M. R. Mendes Drumond Braga*
- d) Entre o trato e a bagagem: circulação de faiança entre Lisboa e Salvador da Bahia (séculos XVI e XVII)  
*João Pedro Gomes*
- e) Paulo Mallet (1761?-1844), ourives francês com fábrica de bijuteria na Rua Áurea, em Lisboa  
*Maria Luísa de Sousa Vilarinho Pereira*
- f) Utilidade e gosto nas viagens reais: escrivadinha de viagem de D. Pedro da casa Alphonse Giroux  
*Maria João Botelho Moniz Burnay*

### Documentos

- a) Visitação do convento e mosteiro de Santos (Lisboa) em 1513  
*Pedro Pinto*
- b) Inventário do Hospital de Todos-os-Santos (Lisboa) em 1564  
*Pedro Pinto*
- c) Inventário e partilhas dos bens do Dr. António Gomes Rodovalho, do Desembargo do Paço (1603)  
*Pedro Pinto*
- d) O azulejo e a encomenda no século XVIII  
*Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara*





## 6. Revista de Artes Decorativas, nº 6 (2012-2014)

### Editorial

*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

### Artigos

- a) A prataria religiosa espanhola em Portugal como veículo de mensagem: 1580-1640  
*Nuno Cruz Grancho*
- b) O retábulo da capela de Nossa Senhora do Desterro, em Granja Nova – Tarouca  
*Pedro Vasconcelos Cardoso*
- c) Mobiliário litúrgico pétreo no contexto do barroco português: tipologias e funcionalidades  
*Maria João Pereira Coutinho*
- d) A obra de pedraria e talha da Igreja de São Dâmaso de Guimarães (1691-1784)  
*António José Oliveira*
- e) La Venaria Reale, Palazzo Di Piacere, e Di Caccia (1674) De Amedeo Di Castellamonte: A influência de estampas de Georges Tasnière em azulejos portugueses (finais séc. XVII-1.ª Metade séc. XVIII)  
*Diana Gonçalves dos Santos*
- f) Testemunhos brônzeos do *Settecento* romano em Lisboa. As molduras do *Ecce Homo* e da Virgem Orante do Museu Nacional de Arte Antiga e outras obras de Francesco Giardoni  
*Teresa Leonor M. Vale*
- g) A Imaginária de Vestir: Reflexões em torno do seu Estudo e Inventariação em Portugal  
*Diana Rafaela Pereira*
- h) O mobiliário civil setecentista da “Cela de Santo Ambrósio” do Museu de Arouca  
*Adelina Valente*
- i) Os alfaiates e as modistas em Lisboa (1775-1850): subsídio para a História do traje e da moda  
*Maria Antonieta Lopes Vilão Vaz de Moraes*
- j) O edifício do Instituto dos Vinhos do Douro e Porto (1933-1937). Percurso da renovação decorativa dos seus interiores  
*Maria de São José Pinto Leite*
- k) O comércio de artigos de ourivesaria no Norte de Portugal (século XX): os ourives ambulantes e os ourives feirantes  
*Rosa Maria Mota*

### Notícias

#### *I – Dissertações*

- A) *Dissertações de mestrado em Artes Decorativas defendidas*
- B) *Projectos de dissertação de doutoramento em Estudos do Património, na área de Artes Decorativas (em curso)*

#### *II – Publicações*

- A) *Colecção Obras de Carlos da Silva Lopes*
- B) *Obra em parceria entre o CITAR e a Livraria Civilização Editora*
- C) *Colecção Artes Decorativas em Portugal*
- E) *Revista de Artes Decorativas (n.ºs 1 a 5)*
- F) *Matrizes da investigação em Artes Decorativas (I a V)*
- G) *Outras Publicações*
- H) *Publicações do CIONP – Centro Interpretativo da Ourivesaria do Norte de Portugal*

## F) Matrizes da investigação em Artes Decorativas (I a V)



### 1. Matrizes da Investigação em Artes Decorativas [I]

*Direcção de Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

#### Nota Prévia

*Joaquim Azevedo*

#### Introdução

*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

#### Estudos

- a) Ditames do gosto setecentista: o negociante de grosso trato Nicolau Raposo do Amaral, de Ponta Delgada, e as Artes Decorativas  
*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*
- b) Álbuns ingleses de ferragens para mobiliário do acervo da Biblioteca Pública Municipal do Porto  
*Adelina Valente*
- c) *En los vasos de Lisboa, Que hoy llevan por todo el orbe*. Resistência e identidade. A produção cerâmica de Lisboa no século XVII sobre o domínio filipino  
*Alexandre Nobre Pais*
- d) O quarto de dormir e as Artes Decorativas em Lisboa: 1750-1830  
*Carlos de Almeida Franco*
- e) Os azulejos de Jorge Rey Colaço no Hospital António Lopes, na Póvoa de Lanhoso  
*Cláudia Emanuel Franco dos Santos*
- f) A joalharia em Portugal nos anos 60 do século XX  
*Cristina Filipe*
- g) As rainhas D. Maria Pia e D. Amélia e o traje feminino em Lisboa: 1860-1910  
*Ivete Ferreira*
- h) A palavra e o gesto: os púlpitos da Igreja do Espírito Santo de Arcos de Valdevez  
*Maria Lúcia Afonso*
- i) A arte dos estuques nas casas burguesas do Porto Romântico  
*Maria de São José Pinto Leite*
- j) A capela da Casa de Santo António de Britiande, em Lamego  
*Pedro Vasconcelos Cardoso*
- k) Alguns ourives da prata de Lisboa e a sua obra rococó  
*Rita Carlos*
- l) Senhoras Ouradas do Norte de Portugal  
*Rosa Maria dos Santos Mota*



## 2. Matrizes da Investigação em Artes Decorativas II

*Direcção de Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

### Introdução

*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

### Estudos

- a) Legados humanos e devocionais: Artes Decorativas nos testamentos lisboetas da segunda metade de Setecentos  
*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*
- b) A produção de desenho miúdo: um problema “graúdo” da cerâmica do século XVII  
*Alexandre Nobre Pais*
- c) As capelas particulares de “Obra de Arte Total” dos arciprestados de Lamego e Tarouca  
*Pedro Vasconcelos Cardoso*
- d) A sala de jantar nas casas de Lisboa: 1750-1825  
*Carlos de Almeida Franco*
- e) Problemas de identificação de madeiras do mobiliário setecentista português: análise botânica e designações comuns  
*Adelina Valente*
- f) Credências e mochos setecentistas do Convento de S. Gonçalo de Amarante: arte e conservação  
*Daniela Coelho*
- g) Influências europeias na prataria rococó lisboeta  
*Rita Carlos*
- h) Motivos ornamentais nos estuques de edificios nortenhos: séculos XIX e XX  
*Maria de São José Pinto Leite*
- i) A publicidade e o uso de objectos de ouro popular na primeira metade do século XX  
*Rosa Maria dos Santos Mota*
- j) A joalharia em Portugal nos anos 70 do século XX  
*Cristina Filipe*



### 3. Matrizes da Investigação em Artes Decorativas III

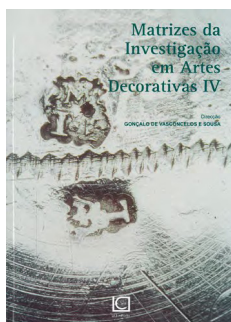
*Direcção de Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

#### Introdução

*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

#### Estudos

- a) Uma loja de tecidos em Ponta Delgada, nos finais do século XVIII  
*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*
- b) Materiais utilizados na cerâmica lisboeta seiscentista  
*Alexandre Pias*
- c) Os frontais de altar das capelas particulares dos arceprestados de Lamego e Tarouca  
*Pedro Vasconcelos Cardoso*
- d) Prataria religiosa rococó em lisboa  
*Rita Carlos*
- e) Mobiliário setecentista do Palácio dos Condes de Anadia, em Mangualde  
*Adelina Valente*
- f) Os salões das elites de Lisboa dos finais do Antigo Regime  
*Carlos Franco*
- g) Materiais e técnicas de policromia de um leito neoclássico  
*Daniela Coelho*
- h) Vivências burguesas e estuques na Avenida da Boavista, no Porto  
*Maria de São José Pinto Leite*
- i) Maria Elvira Freitas Pacheco: um caso pontual no feminino na produção e comercialização de ourivesaria no Porto do século XX  
*Rosa Maria dos Santos Mota*
- j) A Nova Joalharia em Portugal nos anos 80 do século XX: Parte I  
*Cristina Filipe*



### 4. Matrizes da Investigação em Artes Decorativas IV

*Direcção de Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

#### Introdução

*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

#### Estudos

- a) Os tectos das capelas particulares dos arceprestados de Lamego e Tarouca  
*Pedro Vasconcelos Cardoso*
- b) Policromia ou laca: imprecisões recorrentes na terminologia de acabamentos decorativos  
*Daniela Coelho*
- c) O rococó lisboeta na prataria do serviço de bebidas  
*Rita Carlos*
- d) Duas agendas manuscritas anglo-portuguesas, a xiloteca de José Aniceto Raposo e as madeiras para mobiliário nos finais do século XVIII  
*Adelina Valente*
- e) O cordão e o colar de contas na ourivesaria popular portuguesa  
*Rosa Maria dos Santos Mota*
- f) A Nova Joalharia em Portugal nos anos 80 do século XX: Parte II  
*Cristina Filipe*



## 5. Matrizes da Investigação em Artes Decorativas V

*Direcção de Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

### Introdução

*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*

### Estudos

- a) Reflexões em torno das fontes para o estudo das Artes Decorativas: a propósito dos bens móveis de um Administrador do Tabaco da ilha de São Miguel (1803)  
*Gonçalo de Vasconcelos e Sousa*
- b) O azulejo na construção de ambientes decorativos dos séculos XVII e XVIII  
*Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara*
- c) Da cozinha ao quarto: definição e ambientes na Lisboa do século XVIII e início do século XIX  
*Carlos Franco*
- d) Os interiores régios de D. Maria I a D. Maria II  
*Celina Bastos*
- e) Interiores autênticos nos grandes palácios dos finais da Monarquia  
*Anísio Franco*
- f) A explosão ornamental nos ambientes do período romântico: o mobiliário e o interior doméstico  
*Pedro Bebiano Braga*
- g) Design e interiores em Portugal: 1900-2010  
*Rui Afonso Santos*



## G) Subsídios para as Artes Decorativas nos Açores

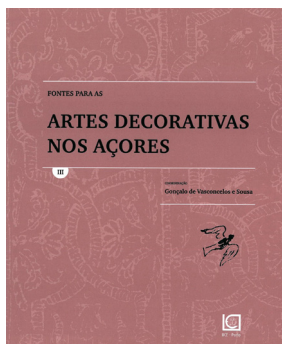
Coordenação da colecção: Gonçalo de Vasconcelos e Sousa



1. [LENCART, Joana] – *Subsídios para as Artes Decorativas nos Açores I*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2013.



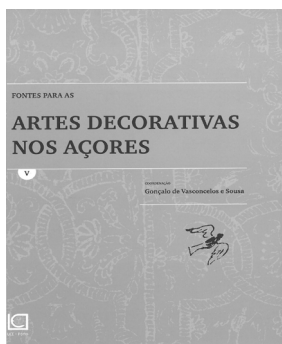
2. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Subsídios para as Artes Decorativas nos Açores II*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2014.



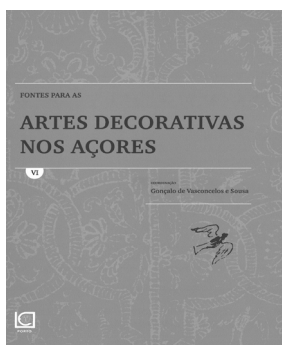
3. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Subsídios para as Artes Decorativas nos Açores III*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2014.



4. COSTA, Susana Goulart; FERNANDES, Ana; MELO, Pedro Pascoal de – *Subsídios para as Artes Decorativas nos Açores IV*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2014.



5. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Subsídios para as Artes Decorativas nos Açores V*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2015.



6. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Subsídios para as Artes Decorativas nos Açores VI*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2017.



7. SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Subsídios para as Artes Decorativas nos Açores VII*. Porto: UCE-Porto; CITAR, 2018.

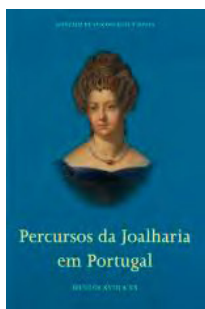
## H) Outras Publicações



Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Coord.)  
– *Actas do II Colóquio Português de Ourivesaria* (2009)



Gonçalo de Vasconcelos e Sousa  
– *Arte e Sociabilidade no Porto Romântico* (2009)

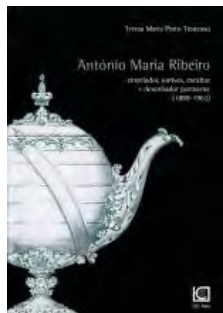


Gonçalo de Vasconcelos e Sousa  
– *Percursos da Joalharia em Portugal: Séculos XVIII a XX* (2010)



Alberto Pimentel –  
*O Porto há 30 anos* (2011)

## I) Publicações do CIONP – Centro Interpretativo da Ourivesaria do Norte de Portugal



TRANCOSO, Teresa Maria Pinto – *António Maria Ribeiro: cinzelador, ourives, escultor e desenhador portuense (1889-1962)*. Porto: UCE-Porto: CIONP; CITAR, 2011.



MOTA, Rosa Maria dos Santos – *O uso do ouro nas Festas da Senhora da Agonia, em Viana do Castelo*. Porto: UCE- Porto: CIONP; CITAR, 2011.



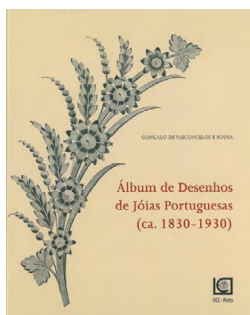
SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Colecção de jóias do Museu dos Biscainhos*. Porto: UCE- Porto: CIONP; CITAR, 2011.



PEIXOTO, Rocha – *As filigranas*. Porto: UCE- Porto: CIONP; CITAR, 2011.



SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *O livro de desenhos de jóias de José António Mourão (1792-1856), da Rua das Flores, no Porto*. Porto: UCE-Porto: CIONP; CITAR, 2011.



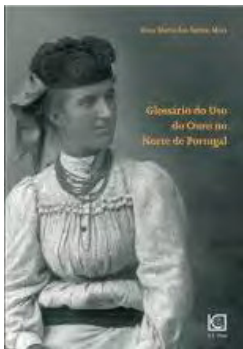
SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Álbum de desenhos de jóias portuguesas (ca. 1830-1930)*. Porto: UCE- Porto: CIONP; CITAR, 2011.



MOTA, Rosa Maria dos Santos – *A minha avó tinha um tesouro*. Porto: UCE-Porto: CIONP; CITAR, 2011.



SANTOS, Manuela de Alcântara – *Talheres de prata de Guimarães: séculos XVIII e XIX*. Porto: UCE-Porto: CIONP; CITAR, 2012.

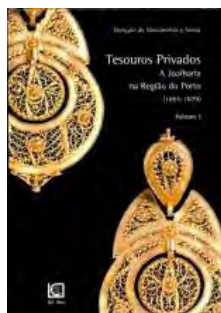


MOTA, Rosa Maria dos Santos – *Glossário do uso do ouro no Norte de Portugal*. Porto: UCE-Porto: CIONP; CITAR, 2011.

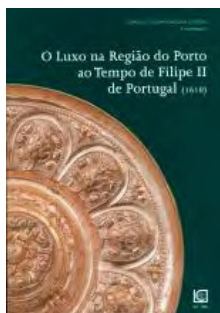


VIEIRA, Eduarda, coord. – *Manual de boas práticas: conservação de peças de ourivesaria em instituições religiosas*. Porto: UCE-Porto: CIONP; CITAR, 2012 (textos de Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, Eduarda Vieira, Luís Efraim Casanovas, Leonor Sá, Belmira Maduro, Laura Castro).

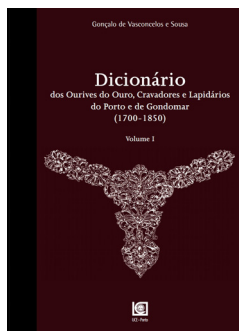




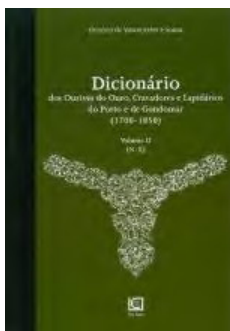
SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Tesouros privados: as jóias na região do Porto (1865-1879)*. Porto: UCE-Porto: CIONP; CITAR, 2012, 2 vols.



SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, coord. – *O luxo na região do Porto ao tempo de Filipe II de Portugal (1610)*. Porto: UCE-Porto: CIONP; CITAR, 2012. (textos de José Ferrão Afonso, Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, Celina Bastos, Hugo Miguel Crespo e Paula Monteiro).



SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Dicionário de ourives do ouro, cravadores e lapidários do Porto e de Gondomar (1700-1850)*. Porto: UCE-Porto: CIONP; CITAR, 2012. 2 vols.



## DVD

*O ouro nas Festas de Viana do Castelo*, coord. de Rosa Maria dos Santos Mota.

*Filigranas de Gondomar e Póvoa de Lanhoso*, coord. de Rosa Maria dos Santos Mota.

### III. CONGRESSOS INTERNACIONAIS ORGANIZADOS PELO CITAR, NA ÁREA DAS ARTES DECORATIVAS E DO ORNAMENTO

#### A) I Congresso Ibero-Americano de História do Mobiliário (2016)

A ideia da realização deste congresso partiu do CITAR, através do Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, que convidou a Universidade de Oviedo, na pessoa da Prof. Doutora Ana María Fernández García, a associar-se-lhe. Nasce como um fórum de encontro para expor os resultados das investigações mais recentes na área da História do Mobiliário na Ibero-América, com perspectivas multidisciplinares e uma ampla abrangência cronológica, que vai desde a Idade Média até à actualidade. Decorreu nos dias 20 e 21 de Outubro de 2016, com abertura na Aula Magna do Edifício Histórico da Universidade de Oviedo. No sábado, dia 22, teve lugar uma visita à Colección Selgas-Fagalde de Cudillero.

#### Coordenadores:

**Gonçalo de Vasconcelos e Sousa** (Professor Catedrático da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa)

**Ana María Fernández García** (Professora Titular de Historia del Arte de la Universidad de Oviedo)

#### Comissão científica

**Celina Bastos** (Museu Nacional de Arte Antiga)

**Gladys Noemí Arana** (Universidad Autónoma de Yucatán, México)

**Gustavo Curiel** (UNAM, México)

**Jorge Augusto Moreno Egas** (Pontificia Universidad Católica de Ecuador)

**Lilia Martín Brito** (Universidad de Cienfuegos, Cuba)

**Marize Malta** (Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)

**Maria Helena Mendes Pinto** (antiga conservadora do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa)

**María Mercedes Fernández Martín** (Universidad de Sevilla, Espanha)

**Miguel Cabral de Moncada** (ARTIS – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

**Patricia Lara Betancourt** (Modern Interior Research Centre, Kingston University, Londres)

**Paz Aguiló** (Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Espanha)

**Sandra Inés Sánchez** (CONICET, Argentina)

**Sofía Rodríguez Bernis** (Directora do Museo Nacional de Artes Decorativas, Madrid)

## **B) The Art of Ornament Senses, Archetypes, Shapes and Functions (2017)**

O CITAR foi um dos organizadores deste congresso, que teve lugar na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, nos dias 23 e 24 de Novembro, e em Sintra, em 25 de Novembro de 2017.

### **Organização**

Instituto de História da Arte, FCSH/NOVA

Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes, UCP

### **Comissão Organizadora**

**Gonçalo Vasconcelos e Sousa** (CITAR, UCP)

**Isabel Mendonça** (IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

**Maria João Pereira Coutinho** (IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

**Sílvia Ferreira** (IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

### **Comissão Executiva**

Raquel Seixas (IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

### **Comissão Científica**

**Alexandra Curvelo** (IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

**António Nunes Pereira** (Parques de Sintra – Monte da Lua, SA; IADE/ Universidade Europeia, Lisboa)

**Doretta Davanzo Poli** (Library of Fabrics at Palazzo Grassi; University of Udine)

**Elizabeth Miller** (V&A Museum, Londres; Femke Speelberg | The Metropolitan Museum of Art, New York)

**Fernando Quiles** (Universidad Pablo de Olavide, Sevilha)

**Filomena Limão** (IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

**Giuseppe Dardanella** (University of Turin)

**Helder Carita** (IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

**José Ferrão Afonso** (CITAR, UCP)

**Marize Malta** (Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**Michael Snodin** (Strawberry Hill House, Twickenham)

**Pedro Flor** (Universidade Aberta; IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

**Sabina de Cavi** (Universidad de Córdoba, Departamento de Historia del Arte, Arqueología y Música)

**Sofía Rodríguez Bernis** (Museo Nacional de Artes Decorativas, Madrid)

**Susana Varela Flor** (IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

**Teresa Vale** (Artis, IHA, FLUL)

**Vítor Serrão** (Artis, IHA, FLUL)

### C) II Congresso Ibero-Americano de História do Mobiliário (2018)



**II Congresso Ibero-americano de História do Mobiliário**

*II Congreso Iberoamericano de Historia del Mueble*

**13, 14 e 15 Setembro 2018**  
13, 14 y 15 Septiembre 2018

**Contactos**  
Universidade Católica Portuguesa – Porto  
Escola das Artes  
mdinis@porto.ucp.pt | 22 619 62 75

**Inscrições**  
Público em geral – 25 euros  
Participantes com comunicação – 20 euros  
Estudantes – 10 euros  
Formulário online disponível [AQUI](#)

**Inscripciones**  
Público en general – 25 euros  
Participantes con comunicaciónes – 20 euros  
Estudiantes – 10 euros  
Formulario disponible [AQUI](#)

[www.artes.porto.ucp.pt](http://www.artes.porto.ucp.pt)

**CATOLICA**  
ESCOLA DAS ARTES

**CATOLICA**  
UNIVERSIDADE DE COORDOBA

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

O II Congresso Ibero-americano de História do Mobiliário, após a primeira edição realizada em Oviedo, em 2016, foi dirigido aos estudiosos que investigam no âmbito do móvel e do design de interiores em Espanha, Portugal e Ibero-América.

O congresso decorreu nos dias 13 e 14 de Setembro de 2018 no Campus da Foz da Universidade Católica Portuguesa e contou com um terceiro

dia (15 de Setembro) de visita ao Mosteiro de Arouca tendo o grupo, no regresso, visitado as igrejas e o museu de S. Francisco, no Porto.

O III Congresso terá lugar em Barcelona, em 2020, organizado por Mónica Piera e pelos actuais coordenadores.

### **Coordenadores:**

**Gonçalo de Vasconcelos e Sousa** (Professor Catedrático da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa)

**Ana María Fernández García** (Professora Titular de Historia del Arte de la Universidad de Oviedo)

### **Comissão científica**

**Celina Bastos** (Museu Nacional de Arte Antiga, Portugal)

**Gerardo Díaz Quirós** (Univesidad Nebrija, Madrid)

**Jorge Augusto Moreno Egas** (Pontificia Universidad Católica de Ecuador)

**Maria Mercedes Fernández Martín** (Universidad de Sevilla, España)

**Marize Malta** (Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)

**Miguel Cabral de Moncada** (ARTIS – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal)

**Mónica Piera** (Asociación de estudios del Moble, Barcelona)

**Patricia Lara Betancourt** (Modern Interior Research Centre, Kingston University, Londres)

**Sandra Inés Sánchez** (Universidad de Buenos Aires, Argentina)

**Sofía Rodríguez Bernis** (Directora del Museo Nacional de Artes Decorativas de Madrid, España)

### **Exposição Associada**

“Catálogos e outros materiais gráficos do mobiliário europeu” (desdobrável na página 277, frente e verso), de 13 a 21 de Setembro de 2018, organizada pelo Curso de Doutoramento em Estudos do Património da EA/UCP. Inauguração no dia 13 de Setembro, no Edifício do Restauro da Escola das Artes da UCP. Comissário: Gonçalo de Vasconcelos e Sousa.





**ESCOLA DAS ARTES**

Os catálogos, facturas, fotografias e outros materiais gráficos constituem uma fonte muito importante para o estudo e identificação das peças de Artes Decorativas no Mundo Ocidental, entre ca. 1850-1950.

A expansão do comércio, com todas as suas práticas e documentos específicos, conduziu à multiplicação de todos esses meios de divulgação de novas fábricas, lojas, modelos estéticos e tipológicos, pelo que o seu conhecimento constitui uma das principais matrizes das investigações nestes domínios.

Los catálogos, facturas, fotografías y otros materiales gráficos constituyen una fuente muy importante para el estudio e identificación de las piezas de artes decorativas en el mundo occidental, entre 1850 y 1950.

La expansión del comercio, con todas sus prácticas y documentos específicos, condujo a la multiplicación de todos estos medios de divulgación de nuevas fábricas, tiendas, modelos estéticos y tipológicos, por lo que su conocimiento constituye una de las principales matrices de las investigaciones en estos ámbitos.

**CATÁLOGOS E OUTROS MATERIAIS GRÁFICOS DO MOBILIÁRIO EUROPEU**

**CATÁLOGOS Y OTROS MATERIALES GRÁFICOS DEL MOBILIARIO EUROPEO**

**EDIFÍCIO DO RESTAURO - UCP - PORTO**  
13 A 21 DE SETEMBRO / SEPTIEMBRE DE 2018

**organização: coordenadora**  
Margarida Simões  
Conselho de Vacanteiros e Sócios

**patrocínio: apoiadora**  
Clássica, Artes Gráficas

**comissão: coordenador**  
Margarida Simões  
Desenvolvimento em Estudos do Património da Escola das Artes e do Trabalho; Catálogo Português (PCT); CITAP - Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (IA-UCP); Conselho Consultivo

**Conselho de Vacanteiros e Sócios**  
Margarida Simões -  
Carla Pinheiro

**comissão: avaliadora**  
Júlia Costa  
Margarida Simões -  
Margarida Simões

**apoio técnico: apoio técnico**  
Hugo da  
Pedro Oliveira

**FCT**  
Fundação de Ciência e Tecnologia

**CATOLICA**  
UNIVERSIDADE PORTUGUESA DO SACRAMENTO

**CATOLICA**  
UNIVERSIDADE PORTUGUESA DO SACRAMENTO



**Catálogos**

No universo do mobiliário, os catálogos publicados pelas fábricas e casas comerciais um pouco por toda a Europa, mas com especial incidência em França e Inglaterra, revelam um vasto número de tipologias de peças e de soluções estéticas. Neste período alargado de ca. 1850-1950, encontram-se os mais diversos revivals e historicismos, bem como as correntes Arte Nova, Art Déco e formas mais contemporâneas adoptadas com a 2ª Guerra Mundial.

En el universo del mobiliario, los catálogos publicados por las fábricas y casas comerciales por toda Europa, pero con especial incidencia en Francia e Inglaterra, revelan un vasto número de tipologías de piezas y de soluciones estéticas. En este período amplio de 1850 a 1950, se encuentran los más diversos revivals e historicismos, así como las corrientes Modernista, Art Déco y formas más contemporáneas adoptadas con la Segunda Guerra Mundial.

**Facturas**

As facturas das fábricas e casas comerciais dedicadas à venda de mobiliário (ou de materiais com ele relacionados) aportam numerosos elementos para o seu conhecimento, designadamente dos seus agentes e das tipologias de peças a cuja realização ou comércio se dedicavam. Em certos exemplares, acresce o interesse gráfico, com a publicação de desenhos ou fotografias de peças de mobiliário, que os valorizavam enquanto espécies documentais.

Las facturas de las fábricas y casas comerciales dedicadas a la venta de mobiliario (o de materiales relacionados con él) aportan numerosos elementos para su conocimiento, en particular de sus agentes y de las tipologías de piezas a cuya realización o comercio se dedicaban. En ciertos ejemplares, añade el interés gráfico, con la publicación de dibujos o fotografías de piezas de mobiliario, que los valorizaban como especies documentales.

**Fotografias**

As fotografias de peças de mobiliário, que incorporavam o acervo de muitas fábricas e oficinas, constituíam formas de circulação de modelos e de comunicação com os clientes, já que permitiam visualizar as soluções finais dos exemplares a encomendar. Para os investigadores, e sendo quase sempre a preto e branco, revestem-se de particular interesse visual, por permitirem, em geral com qualidade, a identificação precisa da tipologia, acabamentos e até, em certos casos, dos próprios materiais constituintes dos objectos.

Las fotografías de piezas de mobiliario, que incorporaban el acervo de muchas fábricas y talleres, constituían formas de circulación de modelos y de comunicación con los clientes, ya que permitían visualizar las soluciones finales de los ejemplares a pedido. Para los investigadores, y siendo casi siempre en blanco y negro, revierten particular interés visual, por permitir, en general con calidad, la identificación precisa de la tipología, acabados y hasta, en ciertos casos, de los propios materiales constitutivos de los objetos.

## D) IV European Congress on Jewellery – Centres and Peripheries in European Jewellery from Antiquity to 21<sup>st</sup> Century (2018)



Após a sua realização em La Bañeza (Léon), Madrid e Barcelona, os Congressos Europeus de Joalheria tiveram a sua primeira realização fora de Espanha, na cidade do Porto. Tendo por organizadores o CITAR e o Curso de Doutoramento em Estudos do Património da EA/UCP, esta IV edição teve lugar na no Campus da Foz do Centro Regional do porto da UCP, nos dias 29 e 30 de Novembro de 2018 e teve por tema uma questão fundamental para o estudo das diversas manifestações da joalheria ao longo dos milénios: a relação entre centros e periferias artísticas e as questões envolventes.

Ao longo dos dois dias de trabalho, mesas distintas abordaram tópicos relacionados com o tema do congresso, tendo por objectivo relacionar histórica e esteticamente a joalheria em distintas partes da Europa e a sua

influência posterior nos cinco continentes, numa abrangência cronológica alargada até ao século XXI.

No sábado, 1 de Dezembro de 2018 teve lugar uma visita à colecção de joalharia do Museu Nacional de Soares dos Reis, seguida de um percurso a pé e visita às igrejas e museu de S. Francisco, na cidade do Porto.

### **Director do Congresso**

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes-UCP; CITAR-EA/UCP)

### **Conselho Consultivo**

**Amelia Aranda Huet** (Patrimonio Nacional, Colecciones Reales; Spain)

**Annemarie Jordan Gschwend** (Independent Scholar)

**Claudette Joannis** (Conservateur en Chef Honoraire du Patrimoine, France)

**Diana Scarisbrick** (Independent Scholar, UK)

**Francesca Balzan** (Palazzo Falson Historic House Museum, Mdina)

**Gonçalo de Vasconcelos e Sousa** (Escola das Artes-UCP; CITAR-EA/UCP)

**Kirstin Kennedy** (Victoria and Albert Museum, London)

**Letizia Arbeteta Mira** (Cuerpo Facultivo de Conservadores de Museos, Spain)

**María Antonia Herradón Figuerola** (Museo del Traje, Madrid)

**Mariàngels Fondevila** (Museu Nacional d'Art de Catalunya, Barcelona)

**Rosa Maria dos Santos Mota** (CITAR-EA/UCP)

### **Exposição Associada**

“Mostrar para Seduzir: Catálogos e outros documentos da Joalharia Europeia” (desdobrável na página 280, frente e verso), de 29 de Novembro a 7 de Dezembro de 2018, organizada pelo Curso de Doutoramento em Estudos do Património da EA/UCP. Inauguração no dia 29 de Novembro de 2018, no Edifício do Restauro da Escola das Artes da UCP. Comissário: Gonçalo de Vasconcelos e Sousa.

Um pouco por toda a Europa e América, os catálogos constituíam um dos meios privilegiados de o comércio e a indústria comunicarem as suas criações, na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Os grandes armazéns e alguns estabelecimentos comerciais de maior importância organizavam catálogos para a venda das suas coleções, permitindo uma progressiva democratização da obtenção de objectos em regiões mais longínquas, que de outra forma dificilmente teriam acesso a tais peças. Por outro lado, constituíam um veículo de circulação de modelos, ornamentos e, também, de preços, pois forneciam todo esse tipo de indicações à concorrência e inspiravam novas criações noutras partes da Europa e América.



Throughout Europe and America, from the 1850s to the 1950s, catalogues were one of the principal channels used by jewellery manufacturers and retailers to advertise their creations. The sale catalogues put together by large department stores and by some other major commercial establishments resulted in a progressive democratization of jewellery fashions, as they took the latest styles to customers in more distant regions, customers who would otherwise seldom have had access to such items. These catalogues provided a vehicle for the dissemination of new styles and designs across a wide geographical area. They also spurred competing jewellers and companies to come up with new creations, while equally offering a guide to pricing strategies.

#### CATÁLOGOS

Na elaboração de catálogos de casas comerciais e fábricas de joalharia destacaram-se os franceses e os ingleses. Através da sua construção, apercebemo-nos das novas correntes estéticas que se vão disseminando, a par com as principais tipologias de adornos em voga, para além do uso de determinados materiais.

A presença de desenhos facilita a percepção das formas e a indicação descritiva permite-nos diversas informações sobre as jóias a realizar. A publicação dos catálogos chegava a incluir a dispendiosa impressão a cores, de forma a poder observar o uso de gemas coloridas, utilizadas nas mais ricas tipologias de peças.



#### CATALOGUES

The catalogues produced by French and English retailers are particularly noteworthy because they meticulously document the new aesthetic trends that were spreading across Europe, the main types of jewellery in vogue, and the popularity of certain materials.

The presence of illustrations clarifies the descriptive text and offers a great deal of information about the pieces on sale. Some catalogues even included expensive colour prints to advertise the use of coloured gemstones in the most sumptuous models for sale.



#### DESEGNÁVEL / EXHIBITION GUIDE

##### TEXTOS / TEXTS

Conceção do Vocabulário e Textos

VERBA BELLIGERANT / PARALLELUM

Ricardo Remedy

DESIGN E IMPRESSÃO / DESIGNED AND PRINTED BY

Clássica, Artes Gráficas

##### EXPOSIÇÃO / EXHIBITION

##### ORGANIZAÇÃO / ORGANIZATION

Desenvolvimento em Estúdios do Património

da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (Porto)

CITAR - Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (UA-UCP)

##### COORDENAÇÃO / COORDINATION

Conceção do Vocabulário e Textos

PROGRAMAÇÃO / PROGRAMMING

Carla Felisardo

##### COORDENAÇÃO / PROJECT MANAGEMENT

João Costa

##### PRODUÇÃO E LOGÍSTICA / PRODUCTION AND LOGISTICS

Marquês Dinis

##### APOIO TÉCNICO / TECHNICAL SUPPORT

Rogério

João Pereira

Pedro Oliveira



Fundação de Ciência e Tecnologia

20 DE NOVEMBRO A 7 DE DEZEMBRO DE 2018  
29 NOVEMBER TO 7 DECEMBER 2018

Edifício do Restauro  
Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa - Porto

#### IV CONGRESS ON EUROPEAN JEWELLERY

## Mostrar para Seduzir

Catálogos e outros Documentos da Joalharia Europeia



## Showing off to Seduce

Catalogues and other documents relating to European Jewellery



CATOLICA ESCOLA DAS ARTES



CATOLICA ESCOLA DAS ARTES



#### FACTURAS E OUTROS DOCUMENTOS

Na elaboração das facturas, muitas fábricas e casas comerciais usavam um agurado empenho estético, entendendo-as como um prolongamento da qualidade das peças que criavam ou vendiam. A dimensão gráfica é, pois, um dos elementos a ter em conta no seu estudo, desta que constitui uma fonte muito importante para o conhecimento da joalharia nos séculos XIX e XX. Na sua elaboração poderiam conter informações respeitantes à localização, actual e anterior proprietário, às tipologias de objectos que vendiam (ou compravam, também), para além de prémios e outras distinções recebidas, designadamente a de fornecedores das casas reais.

Os estabelecimentos comerciais utilizavam, ainda, outros documentos impressos para as suas necessidades correntes, designadamente cartões, onde procuravam colocar informações sobre o respectivo negócio. São, em muitos casos, complementares às facturas, sendo utilizados para tal função no seu verso.

#### INVOICES AND OTHER DOCUMENTS

The design of the invoices issued by jewellery manufacturers and retailers was often highly elaborate, since these companies perceived them as an extension of the quality of the pieces that they created or sold. Graphic design and the arts of illustration and typography are therefore another source of information for the study of jewellery in the nineteenth and twentieth centuries. The printed matter on invoices, bills and letter-heads includes information on the location of the establishment, its current and previous owners, the type of objects they sold (and often bought, too), as well as any prizes or other distinctions received, such as a royal warrant.

Commercial establishments also used other printed material, most notably trade cards, where they advertised their business. These usually complement the designs found on the front of invoices, and indeed the verso of a trade card was often designed to be used as an invoice as well.









CATOLICA  
ESCOLA DAS ARTES

PORTO



CATOLICA  
CITAR - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO  
EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DAS ARTES

PORTO

